



VOZ OPERÁRIA

N.º 180 ★ RIO DE JANEIRO, 1.º - XI - 52

Nota da Comissão
Executiva do P.C.B.
(na 2a. pag.)

Artigo de
Maurício Grabois
(na 5a. pag.)

Crônica de
Egydio Squeff
(na 10a. pag.)



QUANDO O TRABALHO ENCURTA A VIDA

(REPORTAGEM NA PAGINA CENTRAL)

NOTA DA COMISSÃO EXECUTIVA DO P. C. B. SOBRE A LUTA EM DEFESA DO PETRÓLEO NACIONAL

A Comissão Executiva do Partido Comunista do Brasil lançou a seguinte nota:

1

«O governo do Sr. Vargas prossegue em sua política de preparação para a guerra, de venda do país aos imperialistas americanos, de fome e reação para o povo. Uma das manifestações mais graves dessa política é a insistência com que procura entregar o petróleo brasileiro à Standard Oil, contra a manifesta vontade da nação. Foi com este objetivo que enviou ao Congresso Nacional o projeto da Petrobrás, através do qual pretende enganar as massas e encobrir com uma linguagem hipócritamente nacionalista suas intenções entreguistas.

2

Diante do movimento popular dirigido pelos patriotas que desmascararam o caráter entreguista do projeto do Sr. Vargas, este procurou manobrar e tratou de conseguir o apoio dos políticos das classes dominantes, especialmente da UDN, a fim de melhor enganar o povo e obter a aprovação na Câmara dos Deputados do referido projeto. Apesar da campanha popular, apesar do esforço feito pelos patriotas no sentido de desmascarar a manobra entreguista, o projeto foi aprovado na Câmara, graças à traição dos deputados que se diziam partidários do monopólio estatal e que o abandonaram para aprovar a solução entreguista proposta pelo líder do governo.

3

O projeto do Sr. Vargas, nas condições em que atualmente se encontra e como foi enviado ao Senado Federal, continua constituindo uma séria ameaça para os interesses da nação. Ao contrário do que dizem os porta-vozes do governo e os traidores da UDN, o projeto não estabelece o monopólio estatal da exploração do petróleo. As emendas aprovadas pela Câmara não mudaram no essencial o caráter entreguista do projeto do Sr. Vargas — trata-se da legalização de um sistema complicado que coloca nas mãos do governo, através de uma empresa mista e de suas subsidiárias, a possibilidade de entregar de mil maneiras o petróleo brasileiro à Standard Oil.

4

O P.C.B. chama para tão grave fato a atenção de toda a nação. A entrega do petróleo brasileiro à Standard Oil será mais um passo no caminho da colonização total do país, será mais uma medida no sentido de arrastar o país para a guerra preparada pelos imperialistas americanos. O Sr. Vargas e os políticos que o apóiam continuam a venda do país ao imperialismo e tudo fazem para arrastar nosso povo para a guerra. A entrega do petróleo brasileiro à Standard significa que o petróleo existente em nosso solo, em vez de servir para o desenvolvimento da economia nacional, será utilizado como material para a guerra, constituindo mais um elemento de escravização de nosso povo aos monopólios americanos.

5

O P.C.B. apoia por tudo isso a grande campanha patriótica em defesa do petróleo e a favor do monopólio estatal da exploração do petróleo brasileiro. O monopólio estatal da exploração do petróleo, desde a extração até o refino e a distribuição, é a única solução que interessa ao povo brasileiro. Esta solução é perfeitamente viável. Só os traidores, os agentes da Standard e os políticos submetidos ao imperialismo americano e partidários da guerra e da crescente colonização do Brasil podem negar as possibilidades existentes e que garantem a exploração do petróleo em benefício do desenvolvimento da economia nacional.

Neste momento, em que diversos povos lutam vitoriosamente contra a exploração imperialista, o povo brasileiro não pode permitir que as riquezas da nação sejam saqueadas pelos traidores e entregues aos imperialistas e provocadores de guerra.

6

Nestas condições, diante do perigo que ameaça a nação, o P. C. B. dirige-se a todos os patriotas e a todos apela para que se levantem, unam suas forças e se organizem por toda a parte em apoio ao patriótico movimento nacional em defesa do petróleo. O P.C.B. dirige-se especialmente à classe operária e às grandes massas camponesas e apela para que se organizem nos locais de trabalho, nos bairros e nos povoados, a fim de lutar organizadamente contra a entrega do petróleo brasileiro à Standard Oil, a fim de exigir do Senado Federal a rejeição do projeto entreguista do Sr. Vargas e a imediata aprovação da lei que assegure o monopólio estatal do petróleo, nos termos sugeridos pelo Centro de Defesa do Petróleo e apoiado por milhões de brasileiros. É indispensável que todos os senadores e deputados sintam que o povo está vigilante e que saberá marcar os traidores, os inimigos do povo e serviços da Standard Oil.

7

Nesta luta em defesa do petróleo brasileiro é dever dos comunistas não poupar esforços para levar o povo à vitória. Devemos nesta hora levantar bem alta a memória dos companheiros que tombaram na luta contra o projetado Estatuto entreguista do Sr. Dutra e manifestar a solidariedade aos que sofrem as perseguições do Sr. Vargas por se baterem pelo monopólio estatal. Redobremos de esforços no sentido de esclarecer as grandes massas de nosso povo, de desmascarar a manobra de todos os traidores que se vendem ao imperialismo e ao governo do Sr. Vargas com o objetivo de entregar o nosso petróleo à Standard Oil. Nós, comunistas, lutamos pela libertação nacional do ouro imperialista, pela derrubada dos traidores que vendem o país e o sangue de nossa juventude para as guerras imperialistas, e instigamos por isso devemos ser os mais enérgicos e decididos lutadores em defesa do petróleo brasileiro, os mais consequentes no apoio à patriótica campanha dirigida pelo Centro de Defesa do Petróleo. A recente aprovação pela Câmara dos Deputados do projeto entreguista do Sr. Vargas mostra que os representantes do povo estão desprezando o sentimento e a vontade das grandes massas e que supõem poder enganá-las com manobras soezes. Mas isto mostra igualmente que ainda não foi suficiente o esforço despendido no sentido de despertar e esclarecer as massas, que se torna indispensável intensificar nosso trabalho para mobilizar a todos os patriotas contra os traidores com assento na Câmara e no Senado. Quando esses senhores sentirem que estão sendo vigiados pelo povo, que estão sendo marcados pelo sinete da traição, não de tomar mais cuidado e saberão respeitar a vontade do povo. Que cada organização do Partido não poupe esforços para mobilizar, unir e organizar grandes massas por toda a parte, nos locais de trabalho e de residência, e de levá-las organizadamente à luta contra a Petrobrás, em defesa do petróleo pelo monopólio estatal da exploração petrolífera em nossa terra.

Sabemos igualmente ligar esta luta em defesa do petróleo com a luta contra o tratado militar com os Estados Unidos, com a luta pela paz e contra o envio de soldados brasileiros para a Coreia. O projeto entreguista da Petrobrás, atualmente em discussão no Senado Federal, pode ser derrotado.

As forças do povo são muito maiores e mais poderosas do que as do pequeno punhado de traidores e vende-pátria. Sabemos para isso mobilizar a milhões de brasileiros, levá-los à luta, uní-los e organizá-los no mais inteiro. Impedir a entrega do petróleo à Standard Oil é um primeiro passo no caminho da luta vitoriosa pela libertação do Brasil do jugo imperialista.

LARES OPERÁRIOS DESTRUIDOS PELO GOVERNO

As terras do «domínio da União» estão se convertendo em fontes de negociatas, aqui em Fortaleza. E nessas terras que fica o Arraial Moura Brasil, bairro da povoação, feito de casebres. São terras do governo, mas o governo usa a força para entregá-las a uns dez ou doze «donos», entre os quais Jacob Elias, o Canção (relojeiro), Julio Ventura e outros exploradores.

Se o pobre cede e se muda para outro lugar, está sujeito a ser despejado barbaramente por outro «proprietário». O último despejo aqui conhecido mostra toda a covardia dos homens da guerra. Na véspera chegaram dois marinheiros dizendo trazerem notícias muito tristes. E que no dia seguinte teriam que voltar para derrubar os casebres. Sentiam muito, mas eram ordens do comandante e não podiam fazer nada. Sobravam no todo dez horas para reconstruir os casebres em outro ponto. Os marinheiros aconselharam as mulheres que fossem falar

com o comandante, pois ele bem que poderia esperar umas dias. Elas foram mas o monstro não recebeu.

No dia seguinte, depois que os homens saíram para o serviço, o próprio comandante e mais quatro rapazes da Marinha vieram derrubar as casas. Demoliram os casebres, quebraram as forquilhas, levando até a quebrar botas e utensílios domésticos quando jogavam tudo para fora da casa.

A noite, todo aquele povo ficou ao relento, sob a chuva, vigiando para que seus objetos não fossem roubados. Formou-se um comitê como nunca se viu aqui. Cada pessoa contava sua desgraça e gritava sua revolta. Uma senhora de sessenta anos exclamava: Vejam, ali está uma mulher que deu «tuz» a quatro dias, deixada na areia molhada. Ela está correndo perigo de vida. Devido ao susto que levou e à fraqueza em que está, já está com febre e sentindo dores de cabeça. E aquela outra, ali? Também está nos dias de «dar luz». Sua situação é ainda mais difícil porque não tem marido, não tem quem a ajude a reconstruir sua casa.

Outra relatava em alta voz: Nós estávamos só quando ele chegou com os marinheiros. Reclamamos que não tínhamos para onde ir — mostramos que estas duas mulheres, uma que dera à luz há poucos dias e outra em dias de descansar, não podiam ficar no meio da rua. Sabem o que respondeu o comandante, monstro? Pois ele disse:

— Que nada... Vaca dá à luz em pleno campo e não morre.

Nesse ponto é que se começou a discutir e que tinha acontecido em janeiro. Não se nós, e Jacob Elias apareceu também com o apoio do comandante da Marinha para despejar 18 famílias. Mas é que já havia um Comitê, os homens estavam alerta, a brigada ia ser muito feia e os bandidos recuaram. Quem tocasse num casebre podia morrer. E os casebres ficaram de pé.

— E... mas os homens estavam em casa — exclama um.

— Estavam em casa porque tinham um Comitê, estavam de sobrevivência.

Muita gente fala ao mesmo tempo. Mas todos se entendem: os grileiros são covardes, eles atacam mulheres indefesas, velhas e crianças, depois que os homens vão ao serviço. Foi muito mau que aquele comitê não tivesse continuado a fazer suas reuniões e todos os moradores não tivessem entrado nele. Ali então, haveria um alerta permanente, os moradores dum canto do bairro ajudariam os moradores do outro canto. União, união e mais união. Os homens do governo são disso mesmo. Empregam a força contra as famílias desprezadas. Mas, quando topam com a força do povo eles recuam.

No meio da noite e da chuva, os lamentos do povo parecem um estranho coro. Aconteceu uma desgraça: os casebres foram demolidos. Mas uma coisa importante estava sendo construída, era a união do povo, uma força maior do que a dos grileiros, apoiados nas balonetas do monstro que comanda a guarnição naval de Fortaleza. Os mais esclarecidos já cuidam só da reconstrução dos casebres. Eles cuidam também da reconstrução do Comitê para que todos possam fazer fincapé e sigam o exemplo das 18 famílias da terra Jacob Elias.

(a) — Alberto Silva
Fortaleza Ceará

TRANSPORTAMOS UMA RIQUEZA VIVEMOS NA NEGRA MISÉRIA

«Companheiros ferroviários do Brasil: Quem escreve aqui é um antigo ferroviário. Os chefetes aqui da Vale do Rio Doce são todos da mesma opinião dos imperialistas americanos. Chegam a obrigar os operários a trabalhar 24 horas e mais, até 36 horas mesmo. Depois disso, eles cortam as horas que trabalham com tantas dificuldades, conduzindo o minério de ferro que vai ser entregue aos monopólios americanos para que eles façam armas para matar os coreanos e os brasileiros.

O custo da vida, aqui, está tão alto que os operários não podem mais viver com suas famílias. E quando uma companheira vai fazer compras, o gerente ainda sai com suas liberdades absurdas, jogando carne no brei em cima das mulheres, dizendo palavras, Nás, pobres, somos insultado a toda hora por esses seres daninhos.

A casa dos ferroviários, maquinistas e foguitas compradas pela CAP no valor de 70 contos. Para ter uma casa em que morar é

preciso até passar fome. O salário é uma bagatela e não dá para adquirir um melhor alimento para manter seu corpo e sua família. Os outros moram em barracas cobertas de palha e tuque.

Os ferroviários morrem de tuberculose e de desastre de trem. As viúvas ficam recebendo uma bagatela do ordenado dos maridos. É isto o que sobra, depois de passar uma vida inteira se gastando a conduzir uma riqueza que a chefia e o governo de Getúlio entregara aos americanos.

Mas os ferroviários da Vale do Rio Doce S. A. lutam. Estamos no sindicato, queremos a lei de oito horas, a folga remunerada e aumento de 50%. Sabemos que transportamos uma grande riqueza e somos pobres, vivendo na negra miséria, porque essa riqueza é entregue ao estrangeiro e é usada para a guerra. Por isso mesmo, somos pela paz e contra os exploradores americanos. Foi por isso que os ferroviários me elegeram para o Conselho Fiscal da Diretoria do Sindicato.

Campanha dos 5 Milhões de Cruzeiros

EMULÇÃO			
GRUPO A		GRUPO C	
S. PAULO	103,4%	RIO GRANDE DO SUL	62%
D. FEDERAL	53,3%	CEARA	13,9%
		PERNAMBUCO	12%
		ESPIRITO SANTO	4,6%
GRUPO B		GRUPO D	
BAHIA	75%	PARAIBA	44,3%
E. DO RIO	64,9%	PIAUI	30%
MINAS GERAIS	50%	SANTA CATARINA	13,3%
GOIAS	40%	PARANA	8,2%
		OUTROS	zero
GRUPO E			
JOVENS	148,9%		
MARÍTIMOS	80%		
SERGIPE	25%		

Instimos para que as comissões dos Estados componentes do Grupo B enviem os resultados atingidos no dia 1.º de outubro, data do encerramento da Campanha para esses Grupos.

QUEM PAGA IMPOSTOS? PARA QUEM? PARA QUE?

Cada um de nós, brasileiros, tem um sócio em tudo quando ganha e produz. É um sócio com apetite de lobo faminto, que não entra com tostão na parceria mas fica com a parte de leão. Quanto mais ele toma, mais ele quer. Quanto mais ele engole, com mais apetite ele fica. E a toda hora está inventando novos meios de tirar mais. Este sócio é o governo. A parte que lhe é destinada vai para seus cofres sob a forma de impostos.

Não está aí, fervendo o projeto mil, no Distrito Federal? Tudo serve, desde que seja para tirar impostos. O povo paga impostos ao governo federal, aos governos estaduais aos governos dos 1.900 municípios de nosso vasto país. Uma relação dos impostos, taxas, etc., cobrados desde que o indivíduo nasce até o dia de enterro daria para encher páginas e páginas de jornal.

O orçamento em poucas palavras

O orçamento da República é um documento longo, complicado cheio de tabelas e alcapões. Uma cousa cabeluda. Em torno dele, deputados e senadores fazem muitos discursos e deitam muita sabedoria. Mas o orçamento pode ser traduzido em poucas palavras. Vejamos o projeto de lei orçamentária para o ano que vem.

O governo do sr. Getúlio Vargas pretende arrecadar no ano que vem, dinheiro suado que vai sair do orçamento de cada brasileiro válido, nada menos do que trinta bilhões e quinhentos milhões de cruzeiros. Dessa quantia fabulosa, só de impostos, serão cobrados 29 bilhões e 400 milhões. A proporção é simplesmente fantástica: numa receita de trinta bilhões, vinte e nove bilhões são de impostos.

Por aí se vê que é o povo quem sustenta a máquina do Estado. E em todos esses bilhões só falamos no orçamento federal. Além desses, existem ainda os orçamentos dos Estados e dos Municípios.

Imposto para comer e para vestir

Quem é que pode viver sem consumir? Sem comer, vestir um pano, morar ao menos num barraco? Viver é consumir. Pois o governo federal cobra o imposto de consumo. No ano que vem, baseando-se em cálculos sobre o que arrecadou este ano, Getúlio quer arrancar nove bilhões e 650 milhões dos consumidores.

Cada vez que o cidadão compra uma camisa, paga imposto de consumo. Acendeu um cigarro e o imposto de consumo está ardendo na chama do fosforo e na brasa do cigarro. Casou e comprou móveis, teve que pagar a parte do governo. Espremeu o orçamento e separou o necessário para comprar um par de sapatos, paga imposto de consumo. Do berço do recém-nascido ao caixão do defunto, o cidadão paga imposto de consumo. O imposto é acrescentado ao preço da mercadoria, é pago na hora da compra.

Uma bola de neve: rola e cresce

O imposto de consumo é cobrado duas vezes. Na segunda vez chama-se vendas e consignações. E incide principalmente nos gêneros alimentícios, no feijão, no arroz, no café, nas batatas, na farinha. É assim: cada vez que o artigo é vendido paga o imposto de vendas e consignações. Tomemos o açúcar, por exemplo. Quando o usineiro compra a cana, acrescenta-se 3% de imposto. Quando ele vende o açúcar ao atacadista, mais um acréscimo de 3%. Outro acréscimo, quando o açúcar é vendido ao varejista. E um acréscimo final, e aí tudo é pago somado e pago numa só vez pela dona de casa, quando ela compra o açúcar na feira ou no empório. Quanto mais intermediários, mais imposto de vendas e consignações. É a bola de neve que rola e cresce sem cessar. O mesmo acontece



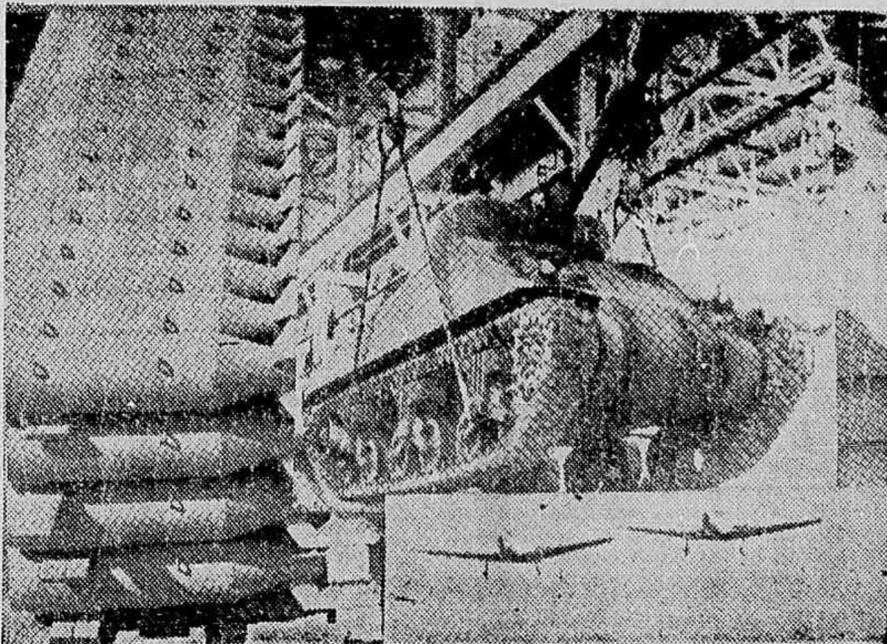
Feijão: tudo o que o povo come tem de pagar impostos. Não há exceção, não há perdão...



Ultima notificação: os ricos sonegam de todas as formas mas os pequenos não escapam.



O imposto de consumo cerca o cidadão por todos os lados. Imposto para consumir, para viver...



Mas Getúlio desvia a maior parte do dinheiro dos impostos para fins militares, para a guerra.

com todos os produtos. Um aumento de meio por cento nesse imposto encarece o custo da vida em mais de 20%.

Um naco de ordenado

O outro imposto que escora o orçamento federal é o chamado imposto de renda. O nome é muito mal posto. Ninguém pode concordar que seu ordenado seja considerado renda. Mas o governo acha que sim e vai cortando na carne de milhares de pessoas.

Pois o grosso dos contribuintes do imposto de renda, mais de dois terços, é formado por pessoas que ganham de trinta a cem mil cruzeiros por ano. Quem ganha trinta mil por ano, ganha menos de três mil por mês. E de um ordenado assim miserável, o governo quer o seu bocado. Cem mil por ano são uns 8.300 cruzeiros por mês. A classe média, também é escorchada em grande forma.

E os ricos não pagam?

Os ricos, os que têm renda de verdade, também pagam. Mas pagam quase na mesma proporção dos pobres, porque o imposto não é fortemente progressivo. Além disso, os ricos são muito habilidosos em certas malandragens. Basta dizer que as grandes empresas, inclusive as estrangeiras, não chegam a pagar um terço do total do imposto de renda. Eles sonegam os verdadeiros lucros e recorrem a outros meios para evadir o pagamento do imposto. Tudo quer dizer: dar um novo preço, mais alto, às máquinas e prédios, para mostrar que o lucro é baixo em relação ao capital. Em fins de 51 e até junho de 52 houve milhares de especulações, num ritmo que chegou a atingir 500 empresas por mês só no Rio e São Paulo. A grande burocracia consegue em grande estilo e ninguém escorcha os lucros com medo que caísem afinal a regulamentação da participação dos operários nos lucros...

Quando eles pagam, o povo fica

devido

Agora, com o Plano Lacer para realizar obras determinadas pelos americanos, os ricos pagam um adicional sobre o imposto de renda. São dez bilhões de cruzeiros a serem acumulados durante cinco anos. Mas é empréstimo que será pago com o dinheiro do imposto de consumo. Prestes mostrou, (Informe de Fevereiro de 52) que só em juros para os felizardos capitalistas o povo será saqueado em 500 milhões de cruzeiro por ano.

E tudo isto é para a preparação guerreira

Quem paga é o povo, está evidente. Para que tanto impostos? O mesmo orçamento responde. Getúlio reserva a terça parte, mais de 31%, de todos esse dinheiro para os ministérios militares. Existe ainda a polícia, que tem verbas espalhadas em todas as repartições e ministérios. Com um décimo apenas dos nove bilhões e meio das pastas militares poderia se fazer 15.000 escolas para atender um milhão dos três milhões de crianças sem escola que existem no Brasil. O Ministério da Guerra pediu um aumento de quase quatro bilhões. O governo aumentou apenas em 500 milhões. Mas o deputado relator, cel. Macedo Soares, disse claramente que o resto será dado sob a forma de créditos especiais. Quer dizer: a parte dos impostos destinada a fins militares é muito maior do que a que figura no orçamento. É essa política de guerra que está no fundo dos impostos escorchantes que encarecem a vida. O governo de Getúlio eleva os impostos, tira o pão da boca do povo porque trabalha para a guerra. Isto já está demais.

Vinde Discutir e Trocar Opiniões Em Defesa da Paz e da Humanidade

Centenas de jovens do Distrito Federal e do Estado do Rio acorreram à Fazenda de São Bento, em Duque de Caxias, tomando parte na festa de cordialidade que antecedeu e preparou o Encontro de Confraternização da Mocidade, de apoio ao Congresso dos Povos pela Paz. Durante todo um dia jovens das mais variadas tendências discutiram amistosamente num ambiente alegre e cordial, a melhor maneira de preservar a Paz. A juventude sente-se ameaçada pelo perigo duma terceira guerra.

Durante a realização da reunião preparatória o estudante Tibério Cezar Gadelha, presidente da União Brasileira de Estudantes Secundários, tomou a palavra e concluiu seus colegas à defesa do maior bem da humanidade: a paz. Após discorrer sobre os perigos que pesam sobre todos os povos, caso seja con-

PREPARAM-SE OS JOVENS PARA O ENCONTRO DE CONFRATERNIZAÇÃO EM DEFESA DO MAIOR BEM DOS POVOS — UM «MEETING» EM — PLENA COMPOSIÇÃO FERROVIÁRIA —



cretizado o desejo dos armamentistas de provocar a guerra, aquele líder estudantil enunciou a necessidade da união de todos para a preservação da paz.

UMA FESTA INÉDITA

A Festa de Cordialidade realizada em novos moldes, com a participação de várias entidades populares se constituiu num autêntico sucesso. Um fato marcante da Festa em S. Bento foi a realização juntamente com as discussões específicas do problema da paz, de torneio e disputas esportivas. Durante a tarde

os quadros de futebol de «Nova Juventude» disputaram uma série de partidas amistosas tomando parte a seguir no debate em torno das questões do futuro Congresso dos Povos. Jovens, moças e rapazes, juntamente com membros da Escola de Samba Flor da Liberdade entoavam a cada instante músicas populares em favor da paz.

Um grupo de quatro moças e rapazes tomou a iniciativa de aproveitar a tarde para realizar uma consulta numa residência próxima à Fazenda sobre o Apelo do Conselho Mundial da Paz,

convocando o Congresso dos Povos.

ENTUSIASMO JUVENTIL

Um fato de realce demonstrou ao término da festa de cordialidade o quanto pesa na balança o entusiasmo dos jovens na defesa da paz. Foi por iniciativa de um grupo de jovens do Distrito Federal que se realizou no interior da composição ferroviária da Leopoldina um «meeting» em favor da paz.

Em meio a «bigas» e «churras» moças e rapazes percorreram os vagões da composição e distribuíram prospectos de propaganda alusivos ao Congresso dos Povos, a se realizar em Viena. Em seguida foram travados debates entusiasmados em torno do problema da paz e da guerra. Nessa ocasião um funcionário da empresa de transportes tomou a palavra e realçou a atitude dos jovens em defesa da paz — os animou a novos empreendimentos.

Falando claramente sobre a corrida armamentista desencadeada pelos senhores da guerra lanque convenceu seus companheiros de viagem a colaborar na manutenção da paz.

Durante todo o tempo os passageiros ouviram interessados a dissertação daquele trabalhador sobre os problemas referentes à paz.

Os passageiros que ocupavam aquele vagão aplaudiram as palavras do funcionário da Leopoldina.

A festa da cordialidade que assinalou os primeiros preparativos para a realização do Encontro da Mocidade em defesa da Paz foi a primeira de uma série das que serão realizadas no Distrito Federal. Como assegura o manifesto de convocação do Encontro da Mocidade, tal conclave está aberto aos jovens de todos os pensamentos, de todas as matas sociais. Vinde cantar — diz aquele documento — dançar e praticar esporte. Vinde discutir e trocar opiniões sobre o melhor meio de assegurar um belo futuro aos moços de nossa terra!»

PROMESSA IGUAL AS OUTRAS...

AGUA PARA TODOS OS MUNICÍPIOS

As promessas velhas não se cumprem, quanto às promessas novas é deixar que fiquem velhas. Este é o «princípio» que guia o governo do fazendeiro Getúlio Vargas. As velhas promessas irrealizadas seguem-se, a jato contínuo, novas promessas que também envelhecerão e ficarão igualmente irrealizadas.

No momento está circulando pelo interior do país a promessa, das mais cínicas e demagógicas que Getúlio já concebeu, da água encanada para todos os municípios. Se a coisa depende desse governo que aí está, os 1.500 municípios que ainda não contam com serviço de água hão de prosseguir no regime do poço e da cacimba...

Em plena capital do país, os jornais gritam diariamente que «a cidade está praticamente sem água». No Rio de Janeiro, na «cidade maravilhosa» o governo gasta milhões em cavam poços artesanais. Encontra o precioso líquido mas não sabe como ligar os poços com o sistema de distribuição. Então joga a água fora. No bairro do Leblon, na granfina zona sul, anda-se de lata d'água na cabeça, como em qualquer favela.

Os ricos saem dos seus luxuosos apartamentos de Copacabana porque as torneiras estão mais secas do que a areia do deserto. Até no velho chafariz do Mourisco, que se vê no clichê, às vezes falta água. Se isto acontece nos bairros dos ricos, é fácil imaginar o que é a torturante falta de água nos bairros operários e da pobreza carioca.

Em São Paulo, o serviço de água está com meio século de atraso.

Isto acontece nas capitais. Com que recurso vai Getúlio dar água encanada a 1.500 municípios do interior? Quando se trata de cortes orçamentários, são as verbas de obras as primeiras a suprimir. É claro que o serviço de água é uma



necessidade — e muito sentida — pelo Brasil agora. E que é possível resolver o problema. E resolve-lo a curto prazo. Mas para isso é indispensável que os recursos nacionais deixem de ser objeto de cínicas entreguismos dominantes. Para fazer obras de real interesse popular é preciso impedir que os americanos continuem saqueando o Brasil. Para realizar melhorias na prática e não de palavras é mister um orçamento dedicado às necessidades do povo, um orçamento de paz, e não um orçamento como o que está em vigor e como é proposto por Getúlio para 1953, no qual as verbas militares, a preparação guerreira consomem a maior parte dos recursos orçamentários.

É claro que para isso é necessário mudar de rumo. Água para todos os municípios é coisa perfeitamente realizável por um governo popular, nunca por um governo de Getúlio. Com essa agente americana no poder, trata-se apenas de mais uma promessa igual às outras.



Jovens presentes à festa em S. Bento iniciam uma consulta popular sobre o Congresso dos Povos

CRÔNICA INTERNACIONAL

ESTES últimos dias foram férteis de importantes e sensacionais acontecimentos. Tivemos em Moscou o encerramento do histórico XIX Congresso do Partido Comunista da U. R. S. S., que revelou ao mundo os imensos êxitos conquistados pelo poder soviético e os seus planos para a rápida edificação do comunismo, que é o reino da paz, da abundância e da felicidade sobre a terra. Dentre os discursos dos dirigentes soviéticos, destacou-se pela importância política e a repercussão mundialmente alcançada, inclusive nos círculos da reação, o que Stalin pronunciou e que constitui, sem dúvida, um vigoroso estímulo à luta de todos os povos pela paz e a libertação nacional.

—oO—

No outro campo, entre a «sagrada família» imperialista, explodiram publicamente algumas das contradições que até então tinham ficado mais ou menos contidas nos bate-bocas de bastidores. O cenário principal dos acontecimentos foi a França: primeiro foi o caso da nota diplomática que o embaixador americano entregou a Pinay, contendo uma série de exigências sobre a aplicação de um empréstimo norte-americano à França, e que foi devolvida pelo «premier», em nome — hehe! — da «dignidade francesa». Acontece que o empréstimo era inferior ao que foi pedido e julgava necessário para equilibrar o orçamento francês, mas isto já é um detalhe da questão.

Depois, houve a manifestação de Bier-

A «Sagrada Família» Atlântica

riot, presidente da Assembléia Nacional e dirigente de um dos partidos da burguesia, o Partido Radical, contraria à Chamada Comunitária Européia de Defesa, ou seja, à organização agressiva que os americanos procuram forjar na Europa, tendo como ponta de lança a Wehrmacht de Hitler reconstituída, e como objetivo — o ataque aos países de democracia popular e à URSS.

Por último, o discurso do presidente da República, Auriol, cheio de acerbas críticas, queixas e acusações contra os Estados Unidos, inclusive a respeito do problema alemão, do «encorajamento ao agressor» — mais do que à «vitória». E tudo isso levou Pinay, para contornar a situação, a pedir o adiamento da ratificação pelo Congresso do tratado sobre o assunto. O que, aliás, nada soluciona e evidencia como o famoso Pacto do Atlântico, graças à luta decidida dos povos pela paz, se converte cada vez mais num saco de gatos e, ao invés de eliminar, poderá acirrar até às últimas consequências as contradições entre alguns dos seus membros.

Enquanto isso o imperialismo da Alemanha Ocidental levanta de novo a cabeça, arrogante, disputando mercados com a Inglaterra e a França, em toda uma série de ramos industriais e em todos os continentes — na América Latina, no Oriente Médio e

até em regiões como Singapura, Hong-Kong e União Sul-Africana. Não há muito, alarmado com isso, escrevia o órgão inglês «Sunday Express»: «A Alemanha renuncia no papel de sério concorrente da Inglaterra na esfera da indústria e do comércio... Já agora os alemães nos desprezam abertamente, falam com todo o cinismo do rearmamento e de um futuro em que a Alemanha esteja de novo por cima de todos. E' chegada a hora de que reflitamos para onde marchamos». E o conhecido economista francês, professor Laverge, observava na revista «L'année politique et économique» que os monopólios alemães aspiram abertamente submeter a seu domínio a economia de todos os países da Europa Ocidental.

E tudo isso, para maior desespero dos demais membros da «sagrada família» atlântica, com a colaboração e sob as bênçãos dos imperialistas de Wall Street.

—oO—

E por fim, em plena Assembléia da ONU, Vishinski lança esta bomba: denuncia que os americanos ocultaram de sua própria imprensa o recebimento de uma resposta favorável dos coreanos às suas exigências para o reinício das negociações em Pa-

num Jom. Apresentaram os lanques três condições para que os coreanos aceitassem uma como base para reatar as conversações. Os coreanos deram mais de que lhes foi pedido — aceitaram duas das condições, para surpresa e desgosto dos generais de Truman. A denúncia de chanceler soviético veio mostrar até que ponto são capazes de descer os agressores lanques em seu propósito de prolongar as hostilidades na Coreia — para que não cessem de crescer os superpovos dos imperialistas.

Conforme demonstrou Malenkov em seu informe no XIX Congresso, os americanos desencadearam a guerra na Coreia num momento em que sua economia se encontrava em marcha acelerada para a crise, só se reanimando depois disso, graças às colossais encomendas de guerra que tão fabulosos lucros proporcionam aos seus banqueiros e industriais, aos trustes e monopólios. Acabar essa guerra é, para eles, como que matar a galinha dos ovos de ouro. Daí as manobras, as tergiversações e até os golpes baixos e sujos como esse de ocultar a resposta favorável dos coreanos para o reinício das conversações de trégua. Tanto mais quando, agora na Europa e bico atlântico se acha em tais condições.

Mas os povos, para quem a guerra traz miséria e dores sem fim, pensam e agem muito diferentemente dos imperialistas. E por isso intensificam por todos os meios a luta pela cessação do conflito na Coreia e pela salvaguarda da paz em todo o mundo.

O Discurso de Stálin Inspira A Luta Pela Libertação de Nosso Povo

ARTIGO DE
MAURICIO GRABOIS

UM DOS TEMAS prediletos da propaganda dos monopólios lanques e seus agentes no país é o de apresentar os comunistas como inimigos da pátria. Com esse objetivo, a chamada grande imprensa, com uma suposta insistência alimentada pelos dolares da embaixada dos Estados Unidos e dos trustes norte-americanos, procura explorar a todo instante, como «último» argumento, a corajosa e patriótica declaração dos comunistas de que o nosso povo jamais fará guerra à União Soviética. Todo um vasto arsenal de infâmias e calúnias é mobilizado. «Os comunistas não servem ao Brasil, mas à União Soviética» exclamam ensaiados por mestre americano os jornais da reação, os políticos venais, os intelectuais corrompidos e o clero reacionário. Sem cessar, monotonamente, batem na mesma tecla: os comunistas são agentes de uma potência estrangeira.

Essa obra, raivosa e monocórdia, revela não só o desespero de um punhado de homens sem escrúpulos que dominam a máquina do Estado e vivem a custa do sangue, do suor e da miséria do povo, como também a falta de imaginação das forças reacionárias que entregam o país aos imperialistas americanos e procuram envolver o Brasil em uma aventura guerreira.

Querer apresentar como anti-patriotas os comunistas porque proclamam que o povo brasileiro jamais fará guerra à União Soviética é tentar atirar areia nos olhos dos trabalhadores. É pensar que o povo perdeu a sua capacidade de pensar e se deixa enganar por essa estúpida propaganda de seus inimigos. A verdade é que, apesar do barulho ensurdecedor da propaganda dos jornais e do rádio a serviço dos imperialistas de guerra, milhões de brasileiros — como constata Prestes — apoiam e fazem sua palavra de ordem levantada pelo Partido Comunista do Brasil — «O povo brasileiro jamais participará de uma guerra contra a União Soviética».

Porque isso se verifica? Porque os homens simples de nosso país começam a ver na declaração de Prestes de que não combateremos contra a U.R.S.S. a própria defesa dos seus legítimos interesses. Porque não pode haver maior prova de patriotismo e de amor ao povo brasileiro do que assumir solenemente e compromissadamente não lutar contra os povos soviéticos.

No seu histórico discurso, há poucos dias proferido na sessão de encerramento do XIX Congresso do Partido Comunista da U.R.S.S., o generalíssimo Stálin, com a clareza e a simplicidade que caracterizam o seu gênio, mostrou o sentido profundamente patriótico da vontade manifestada pelos partidos comunistas de apoiar o P. C. da U.R.S.S. em sua luta contra a guerra e pela manutenção da paz. Sa-

dando os partidos comunistas e operários irmãos, o grande Stálin desmascarou completamente a trama de mentiras e calúnias urdida pelos provocadores de guerra para deformar perante as massas o verdadeiro significado das declarações dos partidos comunistas de apoio ao Partido de Lenin e Stálin em sua luta por um futuro luminoso para os povos.

«A peculiaridade deste apoio consiste em que todo apoio às ações pela paz de nosso Partido, por parte de qualquer outro Partido irmão, significa ao mesmo tempo, para todos eles, um apoio à sua própria povo na luta pela manutenção da paz»

O camarada Stálin, esclarecendo e contraindo patriótico da declaração dos comunistas de que os povos de seus países não combaterão os povos da U.R.S.S., mostra como os comunistas ao tomar tal atitude prestam apoio, em primeiro lugar, aos povos que lutam pela paz em seus respectivos países e, em segundo lugar, prestam apoio aos desejos de paz da U.R.S.S..

Esta é uma grande lição de internacionalismo proletário do sábio camarada Stálin. A tese que o mestre e guia dos povos enunciou em seu profundo discurso é, como não podia deixar de ser, inteiramente válida, para o nosso país porque é totalmente confirmada pelos acontecimentos. Não há maior demonstração de sentimento patriótico do que lutar por todos os meios para que o povo brasileiro jamais participe de uma guerra contra a URSS. Ao tomar essa atitude, qualquer cidadão brasileiro revela o mais profundo patriotismo, pois, desse modo, pugna para livrar o Brasil da dominação do imperialismo norte-americano e luta para impedir que o nosso povo seja envolvido e sacrificado em uma nova carnificina mundial. Isso comprova que o patriotismo está indissolavelmente ligado ao internacionalismo proletário. Que o apoio à grande Pátria do Socialismo em sua luta pela paz é, antes de tudo, uma posição de defesa dos mais profundos interesses nacionais.

Na realidade, quem, em nosso país, ocupa um lugar mais destacado que os comunistas na luta pelos supremos interesses da nação brasileira? Na defesa do petróleo, ameaçado pela cobiça dos trustes, ao lado de inúmeros patriotas, encontram-se os comunistas. No combate ao Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, tratado de guerra e de colonização do país, estão os comunistas entre os mais ardorosos lutadores. Na grande batalha contra a carestia da vida, à vanguarda das massas, lutam os comunistas. Guiados pelo seu grande líder, o camarada Prestes, o PCB desfrela a bandeira da defesa da paz, da independência e da soberania nacional. Milhões de brasileiros ouvem e acatam as suas palavras que indicam o caminho da felicidade e do bem-estar para o povo brasileiro. Isso significa que não há nenhuma contradição entre a defesa dos interesses nacionais e a posição de apoio à luta pela paz dos povos soviéticos. Ao contrário, os interesses de nosso povo exigem que jamais façamos guerra à União Soviética, que defende a independência e a liberdade de todos os povos e cujos interesses — como afirma Stálin — «são em geral inseparáveis da causa da paz no mundo inteiro».

Em contraste com a posição patriótica dos comunistas e dos que, com eles, proclamam sua gratidão e carinho à URSS, todos os que se evidenciam inimigos da União Soviética se revelam sempre, na prática, inimigos do Brasil e de seu povo. Os que destilam ódio contra o grande e pacífico País do Socialismo são os que se cevam na exploração bestial dos trabalhadores brasileiros, que acumulam ouro com a fome e a miséria das massas das cidades e dos campos, são os que entravam o progresso nacional e entregam as riquezas nacionais aos magnatas norte-americanos. O seu «patriotismo» reside nos lucros que auferem a custa dos sacrifícios e da exploração dos homens do povo.

Os ataques de tais vendilhões da pátria aos comunistas só podem ser para estes um motivo de orgulho. O povo avalia o «patriotismo» de um Chateaubriand, que, em seus imundos jornais, acusa os comunistas de anti-patriotas e no Senado prega cinicamente a entrega do Brasil a Standard Oil. E que dizer dos «patriotas» João Neves, Jaffet, Ademar de Barros, Lafer e outros importantes figurões do regime que rastejam aos pés dos imperialistas norte-americanos a mendigar dolares em troca das riquezas nacionais e do sangue de nossa juventude? Da mesma espécie é o «patriotismo» de Vargas, chefe de um governo «quisling» que não realiza uma política ditada pelos interesses nacionais, mas segundo as ordens dos monopólios lanques.

Esses fatos que se verificam em nosso país comprovam à sociedade que as classes dominantes — os latifundiários e a grande burguesia — perderam também «o mais leve vestígio do princípio nacional», não têm qualquer ligação com o povo; não toleram a existência das liberdades no país e os direitos individuais só os ricos desfrutam, enquanto os demais brasileiros

— a esmagadora maioria da população — «são considerados material humano bruto, útil exclusivamente para ser explorado e pisoteado».

A grande burguesia e os latifundiários, aqui, em nosso país, vendem também «os direitos e a independência da nação por dolares». Hoje no Brasil é o PCB o único partido que, à frente das massas, luta contra a dominação do imperialismo lanque e pelos direitos do povo brasileiro. O Partido de Prestes ergue a bandeira da independência e da soberania nacional. Este é o caminho do verdadeiro patriotismo.

Os comunistas brasileiros, liderados pelo camarada Prestes trilham, assim, pela luminosa estrada do internacionalismo proletário, como fiéis discípulos que são do camarada Stálin. Por isso, ao lado das grandes massas, os comunistas lêem e estudam com intensa alegria o histórico discurso do amado chefe dos povos, como um profundo ensinamento que terá a mais intensa repercussão na luta pela libertação do povo brasileiro.

DO MUNDO LIVRE



Aí estão o pequeno automóvel «Moskvich», para 4 passageiros e o caminhão de 25 toneladas, manejado por um só homem, que se desfaz da carga em 30 segundos, girando sobre um eixo a carroceria. São, respectivamente, o menor e o maior da URSS.



O camponês kai Tsai-kuan, em companhia da esposa e de dois filhos, contempla risonho o título de posse da terra, sonho secular transformado em realidade com a vitória da revolução na China. Com a reforma agrária, 380 milhões de camponeses chineses receberam terras. A fome? Pertence ao passado



Em Varsóvia, cidade quase totalmente destruída pela barbárie nazista, não há atividade tão empolgante como a construção civil. No clichê, edifícios de Muranowa, uma nova cidade de oito mil habitantes que surge no coração da capital polonesa.

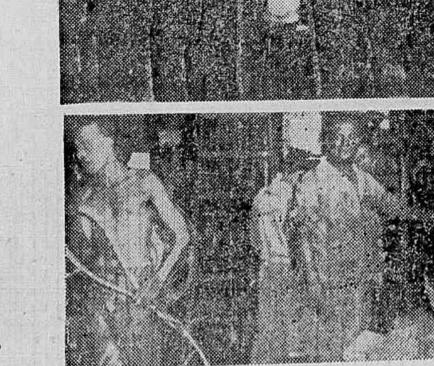
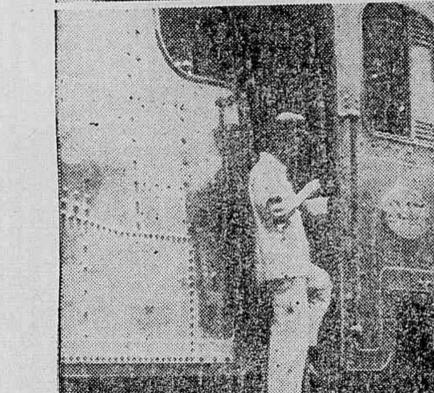
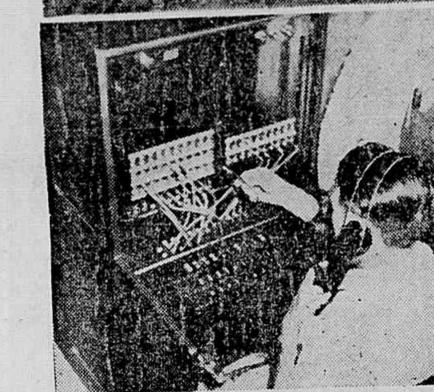


TRUMAN: «Liberdade! Eu te amo demasiadamente para te ver tanto tempo de pé; peço-te que te sentes nesta cadeira» (Desenho de Verdini) (Vie Nuove).

Aos Nossos Leitores

NESTA edição, VOZ OPERÁRIA já apresenta sensíveis modificações no seu aspecto gráfico e algumas alterações de importância na apresentação e distribuição de sua matéria. Confiamos que essas modificações sejam motivo de satisfação e alegria para nossos leitores e amigos. Elas representam um esforço no sentido fazer de nosso semanário um jornal mais acessível às amplas massas, um veículo mais eficiente para levar ao seio do povo, a todos os lares, fábricas e fazendas a informação, o argumento, a denúncia e a flama da luta pela paz e a independência nacional. Temos a certeza de que receberemos a ajuda e o estímulo de todos, para prosseguir melhorando.

Quando o Trabalho Encurta a Vida



Quanto vive um operário? No Brasil a vida média é de trinta e poucos anos, enquanto nos Estados Unidos e Inglaterra é de 61 anos. Na URSS, onde existem mais de 30 mil centenários, o tempo médio de vida é muito mais alto.

Aqui o trabalhador vive pouco em virtude da grande exploração que sofre. As empresas, no intuito de obter enormes lucros, intensificam o trabalho sem ligar que estão tratando com seres humanos. E o trabalhador que

600 MAQUINISTAS PARA 800 LOCOMOTIVAS

O trabalho nas ferrovias é duro. Os maquinistas, por exemplo, trabalham 4 ou mais horas extras, sem a receber e muita vez se vêem obrigados a dobrar serviço durante 24 horas ou mais. Extensores, ainda bem não conseguiram pegar no sono e já o chamador bate-lhes à porta convocando-os para o trabalho. São requisitados nos dias de folga e quando lhes sobra um pouquinho de tempo dedicam-se a fazer biscoitos fora da profissão a fim de conseguir um pouco mais de pão. Os maquinistas chegam a dormir nas locomotivas, tal o seu esgotamento e, muitas vezes, é nesse momento que se dá o desastre. Como se concebe que a Central do Brasil mantenha 800 locomotivas com um efetivo de 600 maquinistas, apenas? Seriam necessários pelo menos 2.400 para cumprir 3 turnos de 8 horas.

Em 30 de agosto ocorreu um fato que abalou a vida dos ferroviários de Cambaíra, cidade paranaense. Um ferroviário da Rede de Viação Paraná-Santa Catarina pôs fim à vida. Trabalhando 4 horas por dia sem nada ganhar por elas, reclamou por isso e foi suspenso. Voltando à atividade ficou doente. Afastado e ganhando menos, após tantos descontos, o seu envelope veio vazio. Ao chegar em casa deparou com o filho chorando, pedindo comida. Há dias que naquela casa só se come mandioca. Como não possuísse dinheiro nem alimento, o operário caiu em desespero e suicidou-se.

Esse homem, não tendo sequer hora para o almoço, estava com os seus dias reduzidos à metade, muito antes. E os diretores da ferrovia, com o dr. Mesquita à frente, pouco se incomodaram com a sua morte, pois, já haviam obtido o resultado desejado: tiraram o máximo do seu suor e sacrifico dentro de um tempo regular para, depois, jogá-lo fora como um bagaço. Encurtaram a vida do operário em 20 anos em troca das 24 mil horas de trabalho grátis para os seus cofres!

TRABALHADOR NÃO É GUINDASTE

O trabalho na Light não é menos árduo. A vida dos condutores e motomeiros é de doer. Os «reservistas» são explorados impiedosamente bastando dizer que se apresentam para a chamada às 4 horas da madrugada e pegam em serviço depois das 6 e a partir daí os cruzeiros já furtados em duas horas, acresce outra coisa: não têm intervalo para as refeições. As vezes ficam sobre o bonde 6 e 7 horas a fio, outras trabalham em dois turnos com intervalos que não dão para descan-

gar. Desta maneira, não tendo hora certa para comer nem dormir, dentro de pouco tempo estão com a saúde abalada, sofrendo invariavelmente do estômago e dos intestinos, caminhando para a morte.

O cabista da «Telefônica», encarregado de instalar e consertar os cabos subterrâneos, trabalha com o martelo próximo ao peito. É frequentemente atacado pela pneumonia, pelo reumatismo e passa a sofrer do coração e dos pulmões. A colocação de postes de mais de mil quilos é feita por turmas de 8 homens que para isso realizam um esforço tremendo, um trabalho que deveria ser feito por guindastes. Trata-se de um esforço sobre humano, exaurindo o trabalhador, cuja energia gasta não pode compensar nem com alimentação, uma vez que ganha apenas 1.500 cruzeiros por mês, nesta época em que uma pequena família para viver modestamente necessita de 4 mil cruzeiros.

E que dizer do trabalho de uma telefonista que fica à disposição da empresa durante 10 ou 12 horas, embora ganhe um salário correspondente a 8 horas, muitas vezes de 700 ou 800 cruzeiros?

Restringindo o número de empregados, congelando os seus salários, a Light pôde retirar no primeiro semestre deste ano 355 milhões de cruzeiros. E, Getúlio, em vez de obrigá-la a melhorar a situação dos seus empregados com esse dinheiro, anuncia que garantiu-lhe novo financiamento de 316 milhões de cruzeiros, como que ajudando-a a enterrar os trabalhadores.

TRABALHO NOTURNO: DUPLO ESFORÇO Na tecelagem ou na fiação além do trabalho exaustivo e pouco rendoso são o algodão e a poeira que atacam os brônquios e os pulmões. Na tinturaria ou na estamparia são os ácidos, as tintas e o vapor que fazem os operários.

Os industriais descobrem novos processos e exigem o máximo, aumentam a jornada de trabalho, aceleram a liquidação física do trabalhador. Assim se vê também que não existe a lei de 8 horas, a lei de papel.

Muitas fábricas em turnos de dia e noite

Em S. Luiz Durão de São Paulo que exploram em grande escala as máquinas. Outras fábricas começam a instalar também o trabalho noturno que, apesar de ser um trabalho duplamente cansativo, pagam apenas 20% a mais que o diurno. Entretanto, agora, Segadas Viana, ministro do Trabalho de Vargas declara que vai retirar essa percentagem, segundo ele, vejamos

Os tecelões da «Corcovado» ao encontrarem já às 6,30

Os baixos salários reduzem a lei de oito horas a um farraço de papel — Cada hora de trabalho além da jornada reduz a vida do operário



A mãe operária mal pode olhar pelos filhos. Ela tem os tempos em função do trabalho, por causa do trabalho em Light. Quando Getúlio se dirige aos trabalhadores e fala em necessidade de aumentar a produção, o que ele quer dizer com isso? Trata-se de zerar com isso? Trata-se de restringir os direitos, diminuir os salários, tudo isso em benefício dos grandes industriais.

Os industriais de tecido ao pagarem por tarefa baixam o preço por metro pago ao tecelão, demitem em massa e lançam a sobra carga nos que ficam. Assim procedeu Silveirinha «Bangu» que demitiu e afastou temporariamente centenas de textéis.

De madrugada, ainda em jejum, mal dormidos, os operários aguardam o trem de subúrbio, que chega atrasado. Regressarão a seus lares noite fechada

parte dos lucros desses industriais para aumentar os auxílios e reduzir as contribuições dos operários? Mas se o governo que é também é um contribuinte dos Institutos não paga a sua dívida que já orça em 10 bilhões de cruzeiros e, além disso, Vargas em seu demagógico discurso de S. Vicente prometeu retirar dinheiro também dos Institutos para «estregar» aos municípios. O governo composto de grandes industriais e fazendeiros não pode falar em reduzir as contribuições dos trabalhadores e aumentar a dos patrões porque seria ir contra si mesmo, com um governo do povo.

Se o governo não se recusar grandemente a pagar os sanatórios e balneários para os trabalhadores. Estes não precisarão contribuir, só o fazendo os patrões e o Estado.

quanto mais para tratar-se. Enquanto isso, o gerente da fábrica Thomas Howorth, de férias na Inglaterra, gasta a rodo o dinheiro tirado de Lindolfo e dos seus companheiros. Ainda mais, a empresa que vendeu 350 milhões de cruzeiros no ano passado, obteve lucros tão grandes que se emprega na construção de uma nova fábrica em seu feudo de Paracatu, além das 4 que já possui.

Getúlio não retira

DAS TERES DA MANHÃ AS NOVE DA NOITE

Falar na vida dos trabalhadores, sem relacioná-la com os transportes e suas moradias é deixar incompleto o quadro da exploração.

Madrugada ainda, a estação suburbana reguita de gente vinda dos recantos mais afastados. Quando o trem, depois de regular atraso se encosta à gre, os trabalhadores tomam no

Nessa fábrica trabalham 2.500 operários. São portantes, 2.500 horas a mais roubadas pelo patrão, semanalmente. Calculadas a 4 cruzeiros não no fim do mês cerca de 45 mil cruzeiros de horas trabalhadas e não pagas. Em algumas fábricas, onde houve protesto e luta os patrões passaram a pagar a hora da limpeza.

Os industriais já ganham muito. Entretanto, com esses métodos não querem se não arrancar mais dinheiro



De madrugada, ainda em jejum, mal dormidos, os operários aguardam o trem de subúrbio, que chega atrasado. Regressarão a seus lares noite fechada

de força de trabalho do operário. Essa fábrica é a sociedade que mais destaque teve no Distrito Federal em setembro último ao elevar o seu capital de 8 milhões de cruzeiros para 50 milhões de cruzeiros ou sejam 6 vezes mais. A «Confiança» poderia com metade desse capital (21 milhões de cruzeiros) ter elevado ao dobro a sua folha de pagamento.

MIGALHAS DO I. A. P. I. Já ouviram falar em câmaras da morte? Pois bem, assim são as seções de estamparia, tinturaria, alveolado de uma fábrica de têxteis. A fábrica de Lindolfo e Rosas, operária da Fábrica de Têxteis, o resultado do que acontece nessas seções. Vítima do trabalho excessivo e de insalubridade, ficou sem o fôlego e está fraco dos pulmões, recebendo a migalha do IAPI — 700 cruzeiros mensais — suficiente para alimentar

quanto mais para tratar-se. Enquanto isso, o gerente da fábrica Thomas Howorth, de férias na Inglaterra, gasta a rodo o dinheiro tirado de Lindolfo e dos seus companheiros. Ainda mais, a empresa que vendeu 350 milhões de cruzeiros no ano passado, obteve lucros tão grandes que se emprega na construção de uma nova fábrica em seu feudo de Paracatu, além das 4 que já possui.

Getúlio não retira

DAS TERES DA MANHÃ AS NOVE DA NOITE

Falar na vida dos trabalhadores, sem relacioná-la com os transportes e suas moradias é deixar incompleto o quadro da exploração.

Madrugada ainda, a estação suburbana reguita de gente vinda dos recantos mais afastados. Quando o trem, depois de regular atraso se encosta à gre, os trabalhadores tomam no

Nessa fábrica trabalham 2.500 operários. São portantes, 2.500 horas a mais roubadas pelo patrão, semanalmente. Calculadas a 4 cruzeiros não no fim do mês cerca de 45 mil cruzeiros de horas trabalhadas e não pagas. Em algumas fábricas, onde houve protesto e luta os patrões passaram a pagar a hora da limpeza.

Os industriais já ganham muito. Entretanto, com esses métodos não querem se não arrancar mais dinheiro

assalto, para não perder a hora do trabalho, para não chegar com um atraso de um minuto porque ele representa a perda do dia e do domingo. No semblante de cada um se reflete o esforço diário por vencer as distâncias e os transportes precários. A correria, o nervosismo pesam duramente na jornada e em suas vidas são sacrificadas. Alguns desmalam pelo caminho vencidos pela fome e pelo cansaço, muitas vezes indo parar sob um trem ou bonde em movimento. Raríssimos são os que moram perto do trabalho. Quando não moram em morros, suas casas ficam retiradas de 20 a 30 quilômetros do centro — São Paulo, Vila Inhomirim.

Sérgio, aquele rapaz nordestino, magro, anêmico, dentes cartilados como quase todos os seus companheiros, que trabalha na «Confiança» é a expressão viva de milhares de trabalhadores que madrugam: «Moro em S. João do Paraití, longe da estação. Levanto-me às 3 horas da manhã (sim, às 3 da madrugada), entro às 7 na fábrica onde trabalho até às 17 horas, para chegar de volta à minha casa às 21». Com 17 anos, de manhã ainda está num colégio, se vivéssemos num regime de seu filhos.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

zê-lo, se além de ganhar 600 cruzeiros apenas não dispõe de tempo? Praticamente, por conta do trabalho durante 18 horas, o operário é uma máquina a se desgastar e em recompor suas energias, em caminho para a morte prematura.

No trabalho, o trabalhador mal tem tempo para recostar. Sua mulher, que também acorda de madrugada, põe-se a fazer o almoço e o café. Chama o marido insistentemente, mas, este, cansado, resiste aos chamados e saudades, pedindo que o deixe prosseguir no sono. Por fim, levanta-se e maldiz o trabalho escravo que lhe mata lentamente, matando inclusive a sua mulher que participa das mesmas provações no lar, que sofre também as consequências da exploração dos salários de fome da família.

E que corinho poderá oferecer aos seus filhos, se eles não o vêem durante dias e até semanas? Contra a vontade dos pais, os goratos crescem, raquíticos, à toa sem assistência paterna e quase sempre sem escola. Os meninos dizem que o operário não cuida dos filhos. Quem culpado? São eles, meus filhos, os senhores do poder, que o trabalho é o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

MAS O EXERCÍCIO PROLETÁRIO ESTÁ EM MARCHA

Mas, o operário que, ao acordar, sai de casa às pressas, sem poder trocar mais que duas palavras com a mulher e dar mais do que uma olhadela nos filhos adormecidos, não fica entre estranhos dentro da empresa. Ele trabalha ao lado de companheiros, de seus irmãos «coletários», que aspiram com ele ardentemente, a reconquista das oito horas, com salários que lhe permitam viver dignamente.

Dentro da fábrica, milhares trabalhando um ao lado do outro, o operário sente a força que tantos braços e cabeças reunidos representam. No calor da luta que vai crescendo e se desenvolvendo, os trabalhadores começam a sentir que o grande coletivo operário se põe em movimento, está em marcha e que nada lhe poderá resistir. Juntos, nos sindicatos, nos conselhos de empresa, por oito horas, por aumento de salário. E o povo ajudando, como se viu agora na greve dos textéis de Pernambuco, engrossando a grande frente comum, fazendo a greve dos dias radiosos em que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

Mas, o operário que, ao acordar, sai de casa às pressas, sem poder trocar mais que duas palavras com a mulher e dar mais do que uma olhadela nos filhos adormecidos, não fica entre estranhos dentro da empresa. Ele trabalha ao lado de companheiros, de seus irmãos «coletários», que aspiram com ele ardentemente, a reconquista das oito horas, com salários que lhe permitam viver dignamente.

Dentro da fábrica, milhares trabalhando um ao lado do outro, o operário sente a força que tantos braços e cabeças reunidos representam. No calor da luta que vai crescendo e se desenvolvendo, os trabalhadores começam a sentir que o grande coletivo operário se põe em movimento, está em marcha e que nada lhe poderá resistir. Juntos, nos sindicatos, nos conselhos de empresa, por oito horas, por aumento de salário. E o povo ajudando, como se viu agora na greve dos textéis de Pernambuco, engrossando a grande frente comum, fazendo a greve dos dias radiosos em que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.

que o trabalho será o poder, que o trabalho será a alegria e o conforto e não o exaustivo e doloroso trabalho. Os dias radiosos de democracia popular.



Mas o proletariado não baixa a cabeça sob o jugo da exploração, não se deixa embrutecer pelo excesso de trabalho. Os operários lutam pelas oito horas

Em todas as profissões é enorme o desgaste de energia humana. Horas excessivas de trabalho encurtam a vida do operário.

Sete Dias no Brasil

CAPANEMA NÃO SABE E NEVES VIAJA

O homem do governo revelou-se totalmente incapaz de responder às perguntas, de contestar as críticas ao famigerado «Acordo de Assistência Militar» com os Estados Unidos. Capanema, o líder do governo, responde que não sabe, que vai «consultar o presidente». E ameaça de convocação pelo Congresso, o «quisling» João Neves inventa uma longa viagem. Vários deputados erguem as mãos duras críticas ao acordo, unindo suas vozes ao clamor do povo que aponta o acordo como um documento de colonização e guerra.

Até o conhecido órgão conservador e pró-americano «Correio da Manhã» em sucessivos editoriais, verbera o editado lanque como um convênio que fere nossa soberania, afeta nossos legítimos interesses econômicos e contraria as normas da Constituição.

—00—

O que aconteceu com a jovem Hilda Albuquerque, uma das vítimas do avião da «Aerovias» que caiu no Rio Grande do Sul, é bem uma amostra do desrespeito brutal pela vida humana. Hilda foi «esquecida». Mais dias depois, seu cadáver foi encontrado e a autópsia verificou que ela não morreu carbonizada no aparelho sinistrado, conforme a primeira expuação. A família suspeita que o caixão enterrado seja apenas um feretro vazio.

Diante disso, a «Aerovias» explica que tudo foi feito pela 5.ª Zona Aérea (F.A.B.). Essa companhia de aviação é de propriedade do facinoroso Ademar de Barros, que adquiriu com dinheiro roubado ao povo paulista e pôs à sua frente Flodardo Main, que foi secretário de Segurança sob o governo terrorista.

MOREIRA SALES E AS SUGESTÕES LANQUES

O banqueiro e tubarão Moreira Sales, que Getúlio fantejou de diplomata e colocou à testa da embaixada em Washington, dirigiu uma carta ao Conselho Comercial Americano-Brasileiro de Nova Iorque. Ele diz em resumo que o governo de Getúlio «estuda atualmente as sugestões que lhe foram feitas» para resolver o problema da dívida comercial do Brasil. Essas sugestões podem ser assim resumidas: 1.º — Intensificar a entrega de minérios aos americanos. 2.º — Aprovação imediata da «Petrobrás» e do Acordo Militar para obter um empréstimo dos banqueiros americanos. 3.º — Desvalorizar o cruzeiro, isto é, baixar os preços para os americanos (minérios, matérias primas) e elevar o custo da vida no Brasil. 4.º

— Câmbio livre sob o pretexto de facilitar a entrada de capitais lanques mas na realidade para facilitar a exportação de seus fabulosos lucros, empobrecendo ainda mais o Brasil. Como se vê, Getúlio não estuda coisa nenhuma. O que ele faz é conspirar contra os interesses vitais do povo brasileiro.

SINDICATOS GAÚCHOS NO CONGRESSO DOS POVOS

Fo uma autêntica vitória do proletariado gaúcho o Congresso Sindical do Rio Grande do Sul. Compareceram à sessão de encerramento autoridades, deputados, vereadores, além dos presidentes de todos os sindicatos e federações do Estado. Nessa ocasião foi tomada a importante resolução do Congresso fazer-se representar no Congresso dos Povos Pela Paz.

Entre as resoluções constam a luta pela fixação do preço da carne em seis cruzeiros, por um livre intercâmbio comercial com todos os países, bem como o apoio à tese do monopólio estatal para todas as fases da indústria petrolífera e participação na Convenção Nacional contra a assiduidade integral.

ADENAUER E O CRUZEIRO

O neo-nazista de Bonn, Adenauer, resolveu desvalorizar o cruzeiro por intermédio do «Bank Deutscher Lander». A Holanda seguiu-lhe o exemplo, mandando vender nos mercados livres, isto é, nos mercados negros da Europa, os cruzeiros a seu dispor no Banco do Brasil. Em seguida vieram os italianos cobrando um acréscimo de 20% em tudo e que o Brasil lhes compra, para amortizar a dívida comercial... Assim anda o comércio externo do Brasil.

ACORDO DE IGUAL PARA IGUAL

Enquanto isso acontece nos países do Pacto do Atlântico, que pisotizam sobre as dificuldades a que o governo de Getúlio arrasta o Brasil, vejamos a conduta dum país de democracia popular. A Polónia firmou acordo comercial com o Brasil prevendo trocas de produtos no valor de 18 milhões e 200 mil de dólares. Fala-se em dólares só para dizer o preço das mercadorias, pois nenhum dos dois países precisará tocar nas suas divisas. Na realidade será feita uma troca de café, cacáu, ferro, algodão, cera de carnaúba e outros produtos brasileiros por cimento, carvão de pedra, adubos, produtos químicos, máquinas industriais e outros produtos poloneses. A Polónia considera o acordo como um passo para maior aproximação entre os dois países, uma contribuição valiosa à causa da paz mundial. E é mesmo.

Nosso Povo E o 7 de Novembro

Com o triunfo da Grande Revolução Socialista, pela primeira vez na história os operários, unidos aos camponeses, derrubaram os grandes capitalistas e fazendeiros conquistando o poder. As terras, as fábricas, as minas, foram tomados dos exploradores e se tornaram propriedade do povo trabalhador.

A classe operária provou na prática que, organizada e dirigida por seu partido — o Partido Comunista — pode governar. Os trabalhadores de todo o mundo saudaram o acontecimento como o raiar de uma nova aurora, o despertar de uma nova vida. Quando a burguesia, interna e externamente, sentiu a realidade tentos acabar com o Estado Soviético, o proletariado internacional se levantou como um só homem contra o assalto.

Os brasileiros não faltaram com a sua solidariedade. O comício de 1.º de maio de 1919 na Praça Mauá, no D. Federal reuniu cerca de 60 mil pessoas que davam vivas à «Rússia Nova» e a Lênin. Nessa ocasião foi aprovada a moção dos trabalhadores cariocas saudando os proletários russos, protestando contra a intervenção militar burguesa. Noutras manifestações no Rio, em São Paulo e em Petrópolis os trabalhadores apoiavam a revolução vitoriosa. Em primeiro de maio de 1920, aos sons da «Internacional», trabalhadores de vários Estados desfilavam pela Av. Rio Branco dando vivas à solidariedade obreira, à Rússia Soviética.

As vespas do 7 de Novembro do 35.º aniversário da Grande Revolução de Outubro — os povos podem olhar para a URSS como o invencível baluarte da Paz contra o qual esbarram e caem os inimigos da humanidade, a força que ajuda aos demais povos a se libertarem.

«Voz Operária», interpretando os sentimentos do nosso povo, dedicará o seu próximo número à grande data que marcou o início da era do socialismo triunfante.

São os períodos de ascensão revolucionária, às vezes, os mais ricos de experiência. Então os fracos, os vacilantes, os oportunistas se apavoram diante da onda de reação: e caem em pânico, traem, desertam para o campo inimigo, passam a defender as mais abjetas posições reformistas. Por outro lado, os verdadeiros revolucionários têm o ensino de revelar toda a sua grandeza, de temperar-se ao fogo dos embates, de reagrupar e preservar as forças de classe para a luta, de purificar as fileiras combatentes, de reconstruir pouco a pouco o movimento até que este adquira um novo ascenso.

Foi um período desses, precisamente, o que se desenvolveu na Rússia entre os anos de 1907 a 1913 — período que podemos acompanhar, passo a passo, acontecimento por acontecimento, através deste magnífico segundo tomo das OBRAS de Josef Stalin, que o Editorial Vitória acaba de lançar numa esmerada edição em língua portuguesa.

QUEM MARCA HORA NÃO É O RELÓGIO; É O SINO DA FAZENDA



De sol a sol, o camponês e sua família empunhando com as mãos calosas a enxada trabalham o solo. Entretanto, durante anos não vêem a cor do dinheiro. E, quando querem fugir a tamanha servidão, eis que os fazendeiros tolhem os seus passos, arranjam-lhes dívidas, com base nos «contratos» que impingiram aos lavradores.

A carta do sr. Gonçalves Silva, enviada de S. José do Rio Preto, dá-nos uma idéia do que são esses contratos:

«Ilmo. Sr. Diretor. Junto mando dois contratos das Fazendas Vicente Vitalino e Santa Regina. Peço-lhe publicar que o administrador da Fazenda do sr. Vicente Vitaliano apresentou o novo contrato, que é o seguinte: TRATO: Cr\$2.200,00 por mil pés — 15,00 por saco de 110 litros — 22,00 por dia de serviço. Dá 80 quilos de arroz e quatro balaios de milho por mil pés. Só deixa plantar feijão das águas e mais nada. Deixa o colono ter cava-

los e vaca no pasto. A fazenda tem 280 mil pés de café e umas 60 famílias. A maioria das famílias não estão concordando com o novo contrato e vai sair se o fazendeiro não fizer modificação. Achem que é muito pouco.

A Fazenda Santa Regina, do sr. Pedro Siciliano, de 180 mil pés de café tem 50 famílias de colonos. Este fazendeiro é um reacionário de marca e um carrasco. O contrato novo aberto agora é: Cr\$ 3.000,00 por mil pés — 12,00 por saco de 110 litros — 25,00 por dia de serviço. Não deixa plantar. Exige colheita no plano. Quem marca hora não é o relógio; é o sino da fazenda. Quem marca dia santo não é a fofoquinha e sim o fazendeiro. Já só 10 quilos de café por cada mil pés que o colono trata; café ruim. Quando o colono precisa de médico a fazenda dá «ordem»; para a farmácia também. Não deixa o colono ter égua, cabra ou vaca. Só deixa ter um cavalo por família. Porco solto no pasto não é permiti-

tido. Assim mesmo o trato obriga os colonos a fazerem limpeza do pasto, de graça. Os colonos desta fazenda também estão descontentes com «ato».

A luz desta carta podem-se ver o quão terríveis são esses contratos que além de não permitir a manutenção dos camponeses é um termo de opressão, de completa falta de direitos e liberdade. Mas, podemos ver também que os camponeses já reagem contra a brutal exploração e não ficam silenciosos ante as condições do proprietário das terras. As famílias camponesas se unem não só para obrigar os fazendeiros a melhorar os contratos como também para intensificar a luta pela tomada da terra dos latifundiários. A terra deve ir em egue aos que trabalham, aos homens e mulheres que de manhã à noite, com sol ou com chuva, hoje lavram a terra e vivem na mais completa miséria e ignorância.

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
JOÃO BATISTA DE
LIMA E SILVA
MATRIZ: Avenida Rio
Branco, 257-17.º andar
sala 1712

SUCURSAIS
S. PAULO — Rua dos
Estudantes, 84-sala 29;
P. ALEGRE — Rua Riachuelo, 889 — Baixos;
RECIFE — Rua da Palma, 295-sala 205 — Edifício Sacl; SALVADOR — Rua Saldanha da Gama, 22-térreo; FORTALEZA — Rua Barão do Rio Branco, 1248, sala 22
ASSINATURAS
Anual Cr\$ 60,00
Semestre Cr\$ 30,00
Trimestral Cr\$ 15,00
N.º Avulso .. Cr\$ 1,00
N.º atrasado .. Cr\$ 1,00
Este Semanário é reimpresso em S. PAULO — RECIFE — P. ALEGRE — FORTALEZA — SALVADOR e BELEM.

Uma Obra de Combate Teórico

OSVALDO PERALVA

Evidentemente não se vai encontrar aí apenas o relato dos fatos históricos que se seguiram à derrota da revolução democrático-burguesa de 1905, atravessaram os tenebrosos anos do terror stolypiniano e marcaram o início da nova fase ascensional com as poderosas demonstrações de protesto contra a chacina do Lena. Trata-se de uma obra sobretudo de combate teórico. Mas pelas suas páginas perpassam a luta diuturna e tenaz de Lenin, Stalin e seus companheiros pelo desmascaramento dos mencheviques, as dissoluções da Duna pelo tzar, a grandiosa vitória dos bolcheviques no Congresso de Londres, a crise no Partido e os esforços para superá-la, a Conferência de Praga e a eclosão das grandes greves de 1912.

Sem dúvida essa leitura enriquece os nossos conhecimentos da história das lutas sociais na Rússia anterior à Revolução de Outubro. Mas enriquece principalmente a nossa experiência revolucionária e o nosso ca-

bedal ideológico. Como se sabe, nessa ocasião uma parte dos intelectuais do Partido tentou fazer a revisão da teoria marxista para adaptá-la às suas posições «novas», oportunistas, provocando no terreno doutrinário uma renhida batalha, que terminou pela vitória esmagadora dos bolcheviques, graças especialmente ao gênio de Lenin e Stalin.

Uma das questões mais candentes, e das mais decisivas para os destinos da revolução russa, foi a da hegemonia do proletariado (como queriam os bolcheviques) ou da burguesia (como queriam os mencheviques) na etapa democrático-burguesa. Nesse domínio a participação de Stalin foi das mais valiosas, não só nos congressos e outras reuniões do Partido, como através da imprensa, escrevendo toda uma série de artigos polémicos, caracterizados pela firmeza, uma lógica cristalina e uma argumentação maciça e irrefutável. O jovem revolucionário levava assim uma preciosa contribuição ao tesou-

ro do marxismo-leninismo, através desses trabalhos que fazem parte do segundo tomo de suas OBRAS.

Faz parte também desses volume a sua obra clássica, datada de Viena, janeiro de 1913, sobre «O Marxismo e a Questão Colonial», que o consagrou desde então como autoridade no assunto e que deu uma idéia mais precisa de todo o seu extraordinário valor como teórico marxista criador. Stalin tinha então — lembre-se, de passagem — 33 anos de idade.

Em suma, temos aí nesse livro todo um trecho da história da Rússia, de seu movimento revolucionário, com as principais questões comentadas, criticadas, interpretadas à luz do marxismo por um dos principais protagonistas dos acontecimentos, um dirigente bolchevique que em vez atividade sempre casou admiravelmente a teoria com a prática, aquele que é hoje reconhecido no mundo inteiro como um dos clássicos dessa vitoriosa doutrina revolucionária, nosso grande e sábio camarada Stalin.

PERDERAM A INFÂNCIA MAS NÃO RENUNCIAM À JUVENTUDE



Que ficou decidido na reunião? Um pique-nique, um baile, uma partida de futebol? Numerozo grupo de associados presentes às reuniões, anima os trabalhos com o seu entusiasmo.



A jovem Lea Correia não falta às reuniões do Departamento Juvenil do seu Sindicato.

TAL como o pedreiro Waldemar os jovens sapateiros do Distrito Federal, trabalhando oito ou mais horas diárias, ao fim do mês, não têm dinheiro para a compra de um sapato decente para ir ao cinema ou o passeio com a namorada. É o que nos diz um rapazinho franzino e desembaraçado em seus 16 anos de idade, aprendiz de pespontador da Matos & Rocha. Como ele, outros cinco mil jovens, menores de 18 anos são explorados no trabalho de couros e similares, segundo informação do presidente do Sindicato dos Sapateiros.

A vida miserável, a falta de dinheiro e outros recursos os lançou no trabalho duro e difícil das fábricas. Em sua maioria, aos 14 anos viram-se obrigados a deixar a infância e ir em busca de trabalho em troca de seiscentos cruzeiros mensais. O trabalho estafante e pesado todavia não lhes arrefeceu o entusiasmo e nem por um instante conceberam a destruição de seus melhores sonhos de jovens. Explorados pensamentos na indústria de sapatos, eles formaram, na época da greve, dos sapateiros o primeiro Departamento Juvenil de jovens trabalhadores em anexo ao sindicato da corporação.

ALEGRIA NO COMBATE

Os cinco mil jovens sapateiros do Distrito Federal tiveram evidentemente uma atuação destacada na greve dos sapateiros. Durante dias seguidos, enquanto a pressão patronal tentava fazer fracassar aquele movimento reivindicatório, grupos de jovens percorriam incessantemente as fábricas de sapatos e se postavam em suas entradas exigindo a paralisação total do trabalho.

Enquanto o grosso dos trabalhadores permanecia no sindicato em assembleia permanente aqueles jovens não paravam um instante. Ora nas redações dos jornais, protestando contra a atuação policial dos patrões ou nas ruas em busca de fundos financeiros para a manutenção da greve, o certo é que os jovens grevistas deram um impulso novo à luta por aumento de salários transformando-a num movimento alegre e entusiástico. Essa atuação ousada e corajosa durante o período grevista serviu antes de tudo para os unir e lhes permitiu a criação de um organismo específico dentro do próprio sindicato oficial.

NASCE O DEPARTAMENTO JUVENIL

A 12 de setembro, durante a última sessão da assembleia permanente dos trabalhadores sapateiros, um jovem inflamado tomou a palavra e concitou seus colegas à organização de um departamento juvenil. Suas palavras foram coroadas por uma ovação invulgar e durante longo tempo a massa de trabalhadores que se concentrava na Praça Onze, em frente ao sindicato, saudou a bela iniciativa. Imediatamente cerca de 64 jovens representantes das fábricas Mattos & Rocha, Fox, Mimososa, Ferreira Souto, Tank Colegial, DNB, Aço e Alhambra

organizaram a primeira assembleia geral e fundaram o Departamento Juvenil do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Couros, Bolsas, Peles e Sapatos.

UM PROGRAMA DE AÇÃO

Os primeiros debates da reunião de fundação do Departamento Juvenil patentearam o desejo da juventude operária de participar das lutas concretas por uma vida melhor. Tal aspiração, com efeito, inspirou imediatamente o programa de ação do Departamento Juvenil. Os jovens José Tavares, Luís Carlos de Carvalho, Geraldo Paula Cabral, João da Silva, Eli Pereira Santos, entre outros eleitos para a direção do Departamento foram encarregados de traçar um plano de ação por melhores salários e outras reivindicações. Assim a luta para que os jovens tenham salário igual para igual trabalho, pela sindicalização de moças e rapazes, contra a assiduidade integral, pelo voto sindical para os menores, pela criação de escolas de aprendizagem industrial e de alfabetização e criação do Departamento Recreativo e Cultural tomou um ritmo novo, ampliado agora pela organização juvenil dentro do Sindicato. Tal programa de ação trouxe novos jovens para o Sindicato que egrossaram as fileiras do Departamento Juvenil.

ESPORTE E CINEMA PARA TODOS

Atualmente os jovens sapateiros vêm desenvolvendo intensa atividade no setor esportivo. Juntamente com a comissão de esportes da Conferência Nacional Pelos Direitos da Juventude estão sendo levados a efeito diversos campeonatos «inter-fábricas» preparatório do Campeonato Sindical. As equipes vencedoras representarão o Sindicato dos Sapateiros naquele certame operário. Outros setores do esporte estão sendo cuidados e proximamente serão realizados torneios de volei e tênis de mesa. Por outro lado o Departamento Juvenil instalará em breve dias um aparelho para a exibição de filmes e jornais cinematográficos. Apesar da incredulidade e desconfiança que a princípio despertou o Departamento de jovens muita coisa já foi realizada e, inclusive outras se acham em vias de concretização. Assim está sendo aguardada a doação pela diretoria do Sindicato dos jogos de camisa para futebol e da mesa de ping-pong, para a diversão dos sócios daquela entidade sindical, há muito encostadas e sem uso.

«UNS ENSINAM AOS OUTROS»

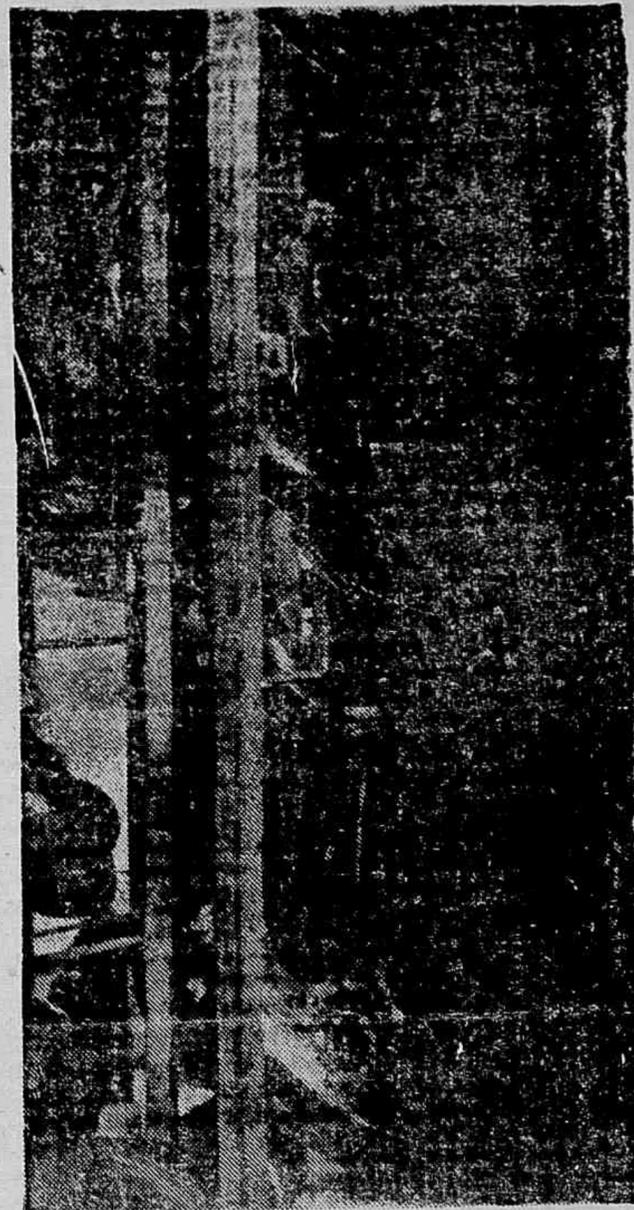
A organização da escola de alfabetização e o roteiro traçado para a sindicalização dos jovens sapateiros pelo Departamento Juvenil mostrou o quanto pode o entusiasmo e a decisão da juventude. A escola, então, foi de uma realização difícil e vingou graças a maneira simples e despretensiosa como

Os jovens sapateiros encontraram... e... deram as mãos para prosseguir... base por uma vida melhor. Sua luta... encontra foi a greve por aumento de salários. Dube-lhes uma boa parte do salário daquela espetacular magnífica da vitória de provisórias aumentando dia a dia, de solidariedade se desenvolvendo e aumentando continuamente os jovens sapateiros, com seu generoso entusiasmo, contribuíram para que a dura luta se desenvolvesse com alegria, bom humor e otimismo. Combataram sorrindo porque se há o para viver e não para fechar a carteira.

Eles não são mil. Na greve tiveram uma só vontade vencer, conquistar e vencer. Mas como é que jovens e ainda mais jovens operários podem parar, uma vez conquistada a vitória, se para os moços agora é que começa a vida e se o futuro próximo dos trabalhadores?

A unidade de ação é necessária para conquistar salário igual ao dos adultos, para modificar esta vida de privações. O Departamento Juvenil encarna essa unidade e está atraindo a totalidade dos jovens sapateiros. Eles estão fazendo esporte, dando vida nova à banda do sindicato, fundaram uma escola em que uns ensinam aos outros e até cinema vai ter n. sindicato. Sua força multiplicada, desdobra do sindicato para fora, chamando a atenção dos jovens letrados, universitários, lerovidrios, de todos os jovens operários. Eles são o exemplo e o exemplo vai ser seguido. De mãos dadas, ombro a ombro, os jovens se impõem como uma das vigas mestras do sindicato e se tornam uma força respeitável para participar em suas lutas e vitórias da classe operária.

foi apresentada. uns ensinam aos outros. Mesmo no pouco tempo estará funcionando com a colaboração daqueles mais afortunados, que já tiveram o cinema. Por outro lado, durante os numerosos bailes que o Departamento Juvenil vem realizando, animados por uma orquestra popular, são feitas resoluções de importância para a ação concreta e positiva, com o espírito jovial e alegre que caracteriza a juventude. Tais experiências têm impulsionado novamente a luta de todos, moças e rapazes da indústria de sapatos. Eles são operários, são jovens. Dão-se as mãos, lutam e vencem e fazem seus lutadores para os quais a vitória é certa.



Enquanto o industrial embolsa milhões com a fabricação de sapatos o jovem operário recebe apenas Cr\$ 20,00 diários.

Eis um quadro da Exploração

NA fábrica «Mattos & Rocha» — uma das maiores da América do Sul — são produzidos diariamente 1.500 alpercatas e 2.000 calçados do tipo «good-year». Custo da produção: alpercatas: 42 cruzeiros; calçados: 82 cruzeiros. Preços de venda aos lojistas: 95 e 260 cruzeiros, respectivamente. Lucro total de um dia: 613 mil cruzeiros. Enquanto isto, os 1.500 operários da empresa, com um salário médio de 50 cruzeiros, terão recebido por dia a bagatela de 75 mil cruzeiros. Em outras palavras, enquanto os patrões detiram de lucro, em cada par de sapatos 178 cruzeiros, o operário que o produziu com o seu esforço, sua inteligência e suas energias, tirará menos de 22 cruzeiros!

COMO SACCO E VANZETTI

HA vinte e cinco anos atrás, Nicolau Sacco e Bartolomeu Vanzetti morriam elotrocutados. O governo dos potentados americanos, fazendo ouvidos surdos aos protestos e apelos de todas as partes do mundo, ordenou que o crime se consumasse, encerrando a farsa judiciária que se arrastava há sete anos. Mais tarde, um agente do F.B.I. que trabalhou no caso — Lawrence Letherman — viria reconhecer publicamente que a acusação de assassinato feita a Sacco e Vanzetti havia sido um simples expediente para a «justiça» poder retê-los em suas mãos. Mais tarde, o chefe de um grupo de pistoleiros — Celestino Medeiros — viria a confessar espontaneamente ser ele o responsável pelo assassinato do pagador, crime pelo qual haviam sido acusados Sacco e Vanzetti.

Hoje, Julius e Ethel Rosenberg se encontram nas ante-camaras da cadeira elétrica, acusados de espionagem. De acordo com a nova farsa judiciária do governo americano, este casal teria participado do roubo de segredos atômicos e de sua entrega à União Soviética. Quais as «provas» apresentadas contra esse casal? Apenas as declarações do seu cunhado, David Grenglasse, e da mulher deste. Preso antes dos Rozenberg, Grenglasse, depois de permanecer longas semanas em poder do F.B.I., resolvera «confessar» ter entregue a Julius informações sobre a bomba atômica, informações de que tomara conhecimento por trabalhar em Los Alamos. Isso foi o bastante para a monstruosa sentença de morte, muito embora a própria justiça americana se tivesse visto obrigada a desistir do depoimento de numerosas das testemunhas de acusação, tais como os físicos Oppenheimer, Harold Urey, Leslie Groves, etc. E' que estes técnicos responsáveis pela

fabricação da bomba atômica teriam deixado claro que nenhum funcionário subalterno de Los Alamos, como David Grenglasse, poderia, só com as observações pessoais, colher qualquer «segredo atômico». Nenhum outro documento, nenhum outro indício surgiu para incriminar o casal Rozenberg. Apenas se provou que se tratava de destacados militantes sindicais, de democratas que se batiam abertamente pela causa progressista.

Apesar de tão debil prova não poder esconder o caráter da farsa judiciária, Julius e Ethel foram condenados e se o ultimo recurso de seus advogados não for atendido, o crime se consumará. Da mesma maneira como há trinta anos atrás a prisão e o processo contra Sacco e Vanzetti visavam, na realidade, aterrorizar a classe operária, esmagar o movimento operário independent-

te, exaltar o chauvinismo e isolar os líderes operários estrangeiros, com o recurso dos Rozenberg o que o governo americano pretende é apresentar uma explicação ao povo americano do fato de a ciência soviética ter sido capaz de descobrir o segredo da energia atômica, é insuflar a histeria anti-soviética e anti-comunista, é criar um clima de desconfiança e de guerra.

Dois jovens democratas, marido e mulher, estão separados ou do outro e não podem sequer olhar para seus filhos. A consciência humana aponta para Truman. Dele depende impedir o crime. A vida do casal Rozenberg pode ser salva pelos protestos de milhões de pessoas. Nosso povo participa dessa luta. De todas as partes, de todos os lares, exijamos imediatamente a comutação da pena e que a mão do carrasco seja cortada.



O casal Rosenberg, durante o processo, escuta com serenidade o requisitório da acusação cheio de histeria guerreira.



Segunda-feira última, dia 27, Graciliano Ramos, o grande romancista brasileiro, completou sessenta anos de vida. Intelectuais de todas as tendências lhe prestaram, por isso, expressiva homenagem, em ato público realizado no salão nobre na Câmara Municipal do Distrito Federal. E' da solenidade e flagrante que se vê no clichê acima, onde aparece grande parte da assistência.

HOMENAGEM A GRACILIANO RAMOS

RECEBEU Graciliano Ramos grandes e justas homenagens por ocasião da passagem de seu 60.º aniversário natalício, a 27 do corrente. Seus leitores, admiradores e amigos em todo o país demonstraram o carinho e a alta consideração que sabem prestar à obra literária e à atuação de patriota e democrata de Graciliano Ramos. Seus companheiros de Partido, o Partido Comunista do Brasil, tiveram ensejo de, à frente dessas homenagens, ressaltar o valor do escritor e do cidadão na história de nossa cultura e das nossas lutas pela independência e o progresso do nosso povo.

Já nas lutas contra a guerra e o fascismo, a partir de 1935, Graciliano Ramos assumia posição consequente, demonstrando na sua obra o seu espírito crítico a favor aspectos de opressão e atraso da velha sociedade brasileira, ao mesmo tempo dando o seu apoio à luta contra o integralismo e manifestando sempre a sua confiança e simpatias à União Soviética. Por isso mesmo foi preso, atirado a um porão de navio, levado a uma ilha correcional, onde sofreu meses de isolamento e maus tratos, em meio de presos comuns. Ao sair da prisão, a polícia exigiu-lhe que fizesse uma declaração de que não era comunista. Em verdade, Graciliano não pertencia então ao Partido mas considerou como um dever de consciência que a melhor atitude, naquela epo-

ca de terror, no seu caso, era negar-se a assinar qualquer documento que pudesse ser utilizado contra os comunistas.

Em 45, ingressou nas fileiras do P.C.B., declarando que esse era o caminho de todos os homens honrados e patriotas que querem lutar consequentemente contra a miséria, o atraso, a exploração imperialista em nosso país. Sua admiração por Prestes tem sido muitas vezes o tema de artigos seus, certo de que sob o comando do grande líder a luta do proletariado e do povo chegará ao triunfo final.

De sua viagem à União Soviética, trouxe Graciliano Ramos magníficas impressões, já anunciando um próximo livro sobre o que viu e admirou no mundo socialista.

Um grande ato, a que assistiu numerosa assistência, realizado no salão da Câmara Municipal do Distrito Federal, foi o centro das manifestações efetuadas nesta cidade por motivo do 60.º aniversário do grande escritor brasileiro.

O Partido Comunista do Brasil dirigiu-lhe a seguinte saudação:

«Querido camarada Graciliano Ramos:

Por motivo da passagem do teu 60.º aniversário natalício, enviamos-te a nossa calorosa saudação.

Orgulhamo-nos de ter em nossas fileiras o camarada Graciliano Ramos, uma das mais destacadas figuras da literatura brasileira.

Colocando-se ao lado das forças que em nosso país lutam pela paz e a independência nacional, o camarada Graciliano Ramos honra as melhores tradições democráticas de nossa intelectualidade.

Ao camarada Graciliano Ramos, o abraço fraternal dos camaradas da direção nacional do P.C.B.

O Secretariado Nacional do P.C.B.»



GRACILIANO RAMOS

O BRASIL DIZ: ACÔRDO MILITAR NÃO!

(Conclusão da 12.ª pág.)
avisadas. Com efeito, não houve negociação alguma. Houve uma imposição pura e simples. Nada foi modificado no texto que o «gangster» Hershell Johnson entregou a Getúlio, Góis Mon-

teiro e João Neves para subcrever. O texto é o mesmo que o ministro da guerra do México repudiou e que vem provocando tanta indignação em toda a América Latina.

NO PARLAMENTO

Encontra-se o Acôrdo na Câmara aguardando ratificação. De dia para dia cresce a oposição patriótica ao compromisso escravizador imposto por Washington. Deputados há que se recusam a assumir a responsabilidade por esse ato de traição à Patria que seria a ratificação do Acôrdo. Por outro lado, porém, a embaixada americana trabalha, pressiona, reclama a aprovação do Acôrdo, o «New York Times» corre a inocentar Getúlio — alheando-o ao movimento patriótico — e insinuando ameaças de suprimir as górgijas águelas que se opuseram ao «diktat» de Wil Street. As objeções levantadas são sérias e se refletem até mesmo nas páginas dos jornais que têm dito amem a tudo quanto vem dos Estados Unidos, como o «Correio da Manhã». O velho órgão reacionário, sentindo a que extremos a aprovação desse Acôrdo pode levar a indignação sagrada

do povo brasileiro reclama um «substitutivo».

DEPROTEMOS O ACORDO!

Para o povo brasileiro, o Acôrdo Militar, é rejeitado, puro e simplesmente, empregando todos os meios de luta. Em nosso país, ao lado dos parlamentares que já se manifestaram contra o Acôrdo, organizou-se uma ampla comissão de personalidades para lutar contra a ratificação desse compromisso colonizador. O manifesto lançado ao povo por essa comissão, termina com as seguintes palavras: «Não aceitamos esse acôrdo por que somos brasileiros!»



O sr. Truman acaba de declarar em discurso pronunciado no Estado de Indiana que o general Eisenhower está cercado de «um bando de assassinos». Na véspera, os partidários de Eisenhower chamaram o sr. Truman da mesma coisa, revelando que ele pertencera, ou ainda pertencia, à Klu-Klux-Kan.

Entre escandalizado e perplexo, ponho os olhos em um telegrama recordando que o general norte-americano Holden escrevia há pouco em um jornal de Detroit, «News», textualmente:

— «O consorcio do assassinato é a nossa principal empresa na qual invertimos anualmente 100 bilhões de dólares. Se nos vissemos privados disto, à nossa economia viria abaixo em 24 horas».

Comecei então a desconfiar que entre as palavras de Holden e as mutuas acusações de Eisenhower e Truman, brindando-se de assassinos, devia haver qualquer secreta ligação. O general Holden chama as indústrias de armamentos de «consorcio do assassinato», e que sem esse consorcio os norte-americanos não poderiam viver. Mas o sr. Truman acha que o «consorcio do assassinato» são

Tiro ao Alvo

EGYDIO SQUEFF

te-americanos não é dado a metáforas. Em 1951, ainda comandante supremo das tropas dos Estados Unidos no Extremo Oriente, portanto no exercício da «defesa da civilização», o general Mac Arthur declarava comovido diante das ruínas e cadáveres de uma cidade bombardeada pelos seus pilotos:

— «Eis um belo espetáculo para os meus velhos olhos!»

Estranhará o leitor que esses homens andem em liberdade. Eu acho que eles estão apenas em liberdade condicional...

X—X—X

Depois o sr. Truman, na oração de Indiana, chamou o sr. Nixon de reacionário...

Mais importante, entretanto, do que essa tirada humorística do sr. Truman, é esta frase meio patética de seu discurso:

«Não sabemos nunca o que o destino nos reserva.»

Exagero. O sr. Truman bem sabe o que o espera.

COMEMOREMOS O 7 DE NOVEMBRO DATA DA HUMANIDADE PROGRESSISTA

NOSSA SAUDAÇÃO À GRANDE REVOLUÇÃO SOCIALISTA

AGOSTINHO DIAS DE OLIVEIRA

É PROFUNDA a significação do dia 7 de Novembro para todos os povos do mundo, para os trabalhadores de todos os países.

Milhões de exploradores e oprimidos voltam-se esperançosos nesta data para a União Soviética, que há trinta e cinco anos vem abrindo à humanidade o caminho da paz, da felicidade e da justiça — o caminho do comunismo.

Tendo derrubado pela primeira vez o regime de exploração capitalista — regime de guerras, de escravização de povos, de riqueza para poucos e miséria para muitos — os trabalhadores russos prestaram um serviço de valor incalculável à humanidade.

Cada trabalhador, cada pessoa honesta, não pode deixar de votar imensa gratidão aos heróis que abriram a primeira brecha na odiada fortaleza do imperialismo. E esta gratidão se dirige, em primeiro lugar, aos gigantes da Revolução de Outubro, ao grande mestre Lênin e ao seu genial continuador, o camarada Stalin.

Ao saularmos a Revolução Socialista, sentimos profundamente como são comuns os interesses de todos os trabalhadores, de todas as pessoas simples da terra, de todos os povos subjugados ao imperialismo.

Se hoje as mães brasileiras podem ter maiores esperanças de que não haverá uma nova guerra e de que seus filhos não irão morrer nas trincheiras, é porque a Revolução de 1917 criou a União Soviética — um grande país que defende intransigentemente a causa da paz.

Se hoje o povo brasileiro pode entrever como uma realidade bem próxima o sonho secular da completa independência de nossa pátria, a independência do Brasil do domínio americano, é porque a Revolução de Outubro marcou o começo do fim do imperialismo, a nova era de libertação de todos os povos.

Se hoje muitos operários brasileiros já sentem que não será eterno o regime de exploração e injustiça, é porque sabem não apenas que o socialismo é possível, mas que já é uma realidade na União Soviética, graças à Revolução de Outubro. E' porque já podem ouvir o condutor do bonde Eliseu Alves ou o tecelão Oswaldo Borges, que estiveram na Rússia e chegam contando: «Lá não há patrões». São os operários que dirigem as fábricas. Todo o produto do trabalho pertence aos próprios trabalhadores.

O 7 de Novembro, portanto, também é uma data nossa. E' o dia de todos os explorados dos povos submetidos à opressão estrangeira, dos milhões de criaturas que aspiram à paz. E' uma data querida dos operários, dos camponeses, do povo do Brasil.

Com esta compreensão, saudemos o 7 de Novembro! Saudemos nossa amada União Soviética em marcha para o comunismo! Saudemos o sabio Partido Comunista da União Soviética, mais forte do que nunca após o XIX Congresso! Saudemos o grande guia dos povos, Stálin, o porta-bandeira da paz!

Realizemos neste dia palestras nos bairros operários, nas associações, nas residências e nas portas das fábricas, explicando aos trabalhadores e ao povo como se constrói o comunismo na União Soviética e porque a URSS luta pela paz.

Manifestemos nossa alegria com alvoradas de foguetes, com festas e jogos esportivos, onde a mocidade expresse seu desejo de paz e sua admiração pela União Soviética.

Gravemos nos muros, em bandeiras e faixas, nas ruas e nas casas, as palavras mais calorosas de saudação à União Soviética e ao grande Stalin.

Que surjam em cada fábrica, porto, mina, bairro, escola, cidade, manifestos e proclamações saudando a grande data da Revolução Socialista e chamando o povo à luta pela paz, pela libertação nacional e por um governo democrático popular.

Façamos ouvir, por todos os meios e em toda parte, a voz do povo brasileiro que clama

- Reatamento de relações com a União Soviética!
- O povo brasileiro não fará guerra à União Soviética!

A Vida do Povo na Rússia

ANTES DA
REVOLUÇÃO

Os operários deviam trabalhar 11 horas e 30 minutos, pela lei, mas trabalhavam até 14 horas. De dez operários, somente um tinha direito a pensões miseráveis. Não havia direito a férias.

— x —

Milhões de camponeses não tinham terra e 30 mil grandes fazendeiros possuíam quase todas as terras. Os camponeses passavam fome, eram analfabetos e pagavam arrendamento aos fazendeiros.

— x —

Havia apenas 140 mil leitos de hospital e 20 mil médicos na Rússia. Somenos ricos tinham assistência médica porque podiam pagar.

— x —

80% da população era analfabeta. Havia na Rússia apenas 70 mil escolas primárias e secundárias, com 8 milhões de alunos. Somente os filhos dos ricos podiam estudar.

— x —

DEPOIS DA
REVOLUÇÃO

Os operários trabalham 8 horas. Nos trabalhos insalubres apenas 7, 6 ou mesmo 5 horas. Todos têm aposentadoria e pensões. A previdência social é paga pela empresa. Os operários passam as férias em casas de repouso.

— x —

Os camponeses trabalham juntos em fazendas coletivas, onde dispõem de máquinas agrícolas, luz elétrica, rádio, escola, posto médico, cinema, biblioteca e clube. Cada família tem um pedaço de terra para horta e criação.

— x —

Existem mais de 1 milhão de leitos de hospital e 200 mil médicos à disposição do povo. A assistência médica é gratuita para todos.

— x —

Não há analfabetos na União Soviética. Em mais de 200 mil escolas estudam 47 milhões de alunos. O ensino é gratuito nos cursos primário e secundário.

ELES VIRAM COM OS PRÓPRIOS OLHOS

OPINIÕES DE PERSONALIDADES BRASILEIRAS QUE VISITARAM A UNIÃO SOVIÉTICA

DO DR. RUBENS DO AMARAL, VEHEADOR DA UND NA CAMARA MUNICIPAL DE S. PAULO, DIRIGENTE DA U. D. N. PAULISTA:

Liberdade — «Há mais politicamente no Catete e nos Campos Elísios do que em qualquer lugar que estive em Moscou... Os policiais soviéticos não usam o cassetete... Em Moscou tivemos liberdade para fotografar e filmar tudo que vissemos. E assim fizemos. Os filmes foram revelados em Moscou e todos devolvidos, sem exceção...»

Religião — «É absoluta a liberdade religiosa. Visitei diversas igrejas ortodoxas e a sinagoga. Todas sempre movimentadas.»

DO FAZENDEIRO GAUCHO CACHILDO KREBS, CRIADOR DE GADO, PRODUTOR DE ARROZ E TRIGO, EX-PRESIDENTE DO INSTITUTO RIO-GRANDENSE DO ARROZ:

Progresso — Maravilha-nos a industria russa com suas fábricas, instrução com suas escolas e bibliotecas. Pela produção agrícola, este país se nos afigura estar na vanguarda de todos os países. Em Moscou os arrazens estão sempre fartos de generos e cheios de uma freguesia de elevado poder aquisitivo. Pelo rosado das faces, pela satisfação com que nos encaram, vemos uma população sadia e bem alimentada...»

Bem-estar — Se no progresso material estamos vendo maravilhas, o lado moral é o que mais nos arrebatou. Em Moscou não há desocupados. Os doentes são hospitalizados. Não há mendigos. Os invalidos por motivo de saúde ou de idade recebem pensão que lhes permitem viver em suas casas. No lar, nas granjas, nos jardins de infância, nas escolas, nos exemplos das mães, pais, irmãos e mestres as crianças adquirem

O QUE SIGNIFICA A REVOLUÇÃO SOCIALISTA DE OUTUBRO

EM TODAS as revoluções que houve antes da Revolução Socialista de 1917, uns exploradores eram substituídos por outros, mas os trabalhadores continuavam explorados e oprimidos. O regime de exploração parecia eterno e intocável. A burguesia dizia que os explorados não podiam viver sem os exploradores, que os operários e camponeses não podiam passar sem os capitalistas e latifundiários.

Mas, com a Revolução Socialista, o proletariado russo derrubou os exploradores de Poder e acabou com todas as formas de exploração. As fábricas, as terras, as minas e os bancos passaram a pertencer aos próprios trabalhadores. Os produtos do trabalho são dos que trabalham e não dos parasitas. Assim a vida do povo, que era miserável, tornou-se próspera e feliz.

A Revolução Socialista provou, portanto, que é possível acabar com o regime de exploração e que o socialismo significa para o povo uma vida de bem-estar e progresso.

— 2 —

A burguesia afirma que a humanidade se divide em raças superiores e inferiores que a dominação dos países fortes pelos países fortes é um fato natural e inevitável.

Mas a Revolução Socialista de Outubro libertou os povos oprimidos pela Rússia czarista e criou a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, onde nações grandes e pequenas vivem unidas fraternalmente, gozando direitos iguais. A União Soviética trata de igual para igual todas as outras nações, fracas ou fortes, e sempre respeitou a independência de todos os povos, ao contrario dos países capitalistas, que exploraram e dominam os países mais atrasados. A razão disto é que na União Soviética não existem classes exploradoras que desejam explorar outros países para conseguir lucros.

A Revolução Socialista provou, portanto, que a opressão de umas nações por outras pode e deve acabar desde que se acabe com o imperialismo.

— 3 —

«A guerra é propria da natureza do homem — dizem os porta-vozes do imperialismo, os homens que lucram com a produção de armas e a matança de outros homens. E' verdade preparar que sempre houve e sempre haverá guerras.»

Mas com a Revolução Socialista de Outubro surgiu o primeiro país que não tem nenhum interesse na guerra, que sempre lutou pela paz. A União Soviética não quer a guerra porque lá não há capitalistas que lucram com a produção de armamento e a conquista de outros países. A União Soviética não quer a guerra porque lá os trabalhadores, tendo construído um regime justo e humano, não podem desejar a sangueira de uma nova carnificina para si e para os outros povos. Por isso a URSS é o baluarte da luta em defesa da paz.

A Revolução Socialista provou, portanto, que a guerra é um fenômeno próprio do imperialismo, dos regimes de exploração e opressão, e que os povos podem conquistar a paz.

o feitiço físico do trabalhador e a preocupação pelo trabalho.

DO CONHECIDO JORNALISTA EDMAR MOREL, REPORTER NA IMPRENSA CARIOCA:

Mentiras americanas — «Ao primeiro contacto com o povo russo sente-se honestamente o quanto é torpe a publicidade movida pelos norte-americanos. É um povo tranquilo, confiante em si mesmo, e que passa parte do dia trabalhando e a outra parte nos Palácios de Cultura, nas Bibliotecas.»

DO DEPUTADO GAUCHO CANDIDO NORBERTO, REPRESENTANTE DO P. S. E. NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL:

Cultura para todos — «Eu lhes poderia falar sobre os

maravilhosos espetáculos de arte a que assisti em Moscou; poderia falar sobre o cinema que nos foi dado assistir, sem ser em sala especial, o afamado cinema da terceira dimensão... Esses espetáculos que exigem muita arte, muito bom gosto e muita despesa, são assistidos por todo o povo e não apenas por uma minoria de privilegiados.»

Anseio de paz — «Em nome da paz todas as portas da União Soviética se abrem ao visitante; todos os braços se estendem, todas as mãos se agitam para saudar; todos os lábios se movem para agradecer e sorrir; todos os corações se escancaram para confraternizar. Aqui se está educando para a paz. Aqui se está vivendo para a paz. Pronuncie a palavra paz e todo correrá ao seu encontro, todos há de abrir seus braços e abraçá-lo e até mesmo beijá-lo.»

O Brasil Diz: Acôrdo Militar NÃO!

O MINISTRO DA GUERRA DO MÉXICO, AO RECURSAR ESSE COMPROMISSO DE GUERRA E COLONIZAÇÃO, DECLAROU: "NÃO ASSINAMOS PORQUE SOMOS MEXICANOS" — NO MANIFESTO LANÇADO PELA COMISSÃO NACIONAL CONTRA O ACÔRDO MILITAR ESTÁ DITO "NÃO ACEITAMOS ESSE ACÔRDO PORQUE SOMOS BRASILEIROS!"

Em nenhum outro documento ficaram tão claros os objetivos de guerra e colonização dos imperialistas ianques em relação aos países latino-americanos como no Acôrdo Militar. Documento estandardizado — o texto é um só para todos países latino-americanos — visa êle aos seguintes objetivos principais: saque desentreado das riquezas naturais da America Latina para alimentar a maquina de guerra norte-americana; levantamento de tropas para a «defesa do hemisferio» e para a guerra na Coreia ou em qualquer outra parte; proibição do comercio dos países da America Latina com aqueles países da Europa e da Asia cujos governos não se submetem aos

Estados Unidos, ou com os quais não seja da conveniencia dos Estados Unidos que negociemos.

OS QUE ASSINARAM

Apenas em dois países latino-americanos o Acôrdo Militar está em vigor: na Colombia e no Peru. A Colombia, como se sabe, tem o seu solo sacudido pelas guerrilhas patrióticas e é unico país da America Latina — afóra o subjugado Porto Rico — a possuir tropas na Coreia. Quanto ao Peru, vive sob uma ditadura que oprime o povo e o escraviza ao dominador ianque.

OS QUE REPELIRAM

Esse Acôrdo, porém, foi tentado com varios outros países da America Latina.

O Mexico, Guatemala, a Argentina, o Brasil, o Uruguai, o Chile. E que succedeu? A pequenina Guatemala se recusou a firmá-lo. Importaria em transformar aquela nação latino-americana, pura e simplesmente. O Mexico, após uma semana de negociações, também o recusou. Foi em dias de fevereiro ultimo, quando a campanha eleitoral se encaminhava para sua fase mais aguda. Assumir semelhante compromisso — bem o sabia Miguel Alemán, apesar de sua vontade de fazê-lo — seria afrontar a tradição anti-imperialista do povo mexicano e expor-se a uma derrota certa nas eleições de junho — como ocorreu ao



«Soldados chilenos para o Chile», «Pacto Militar, não!», reclamam as mulheres chilenas que não desejam ver seus filhos transformados em carne de canhão para os abutres ianques. Aí está um aspecto dos desfiles que se sucederam diante da Câmara dos Deputados, em Santiago, durante a votação do Acôrdo Militar Chile-Estados Unidos, que Ibañez prometeu denunciar.

«quisling» Gonzalez Videla. Um poderoso movimento se se formou no Mexico contra o Acôrdo. Partidos da esquerda e da direita se uniram num pacto e pouco depois o ministro da guerra do Mexico, general Gilber-

to R. Limon, declarava à imprensa: «Não assinamos porque somos mexicanos.»

LUTA DE MASSAS NO CHILE

Dentre os laçaios do imperialismo ianque na America Latina nenhum conseguiu superar em sabujice ao pequenino traidor Gonzalez Videla. Não foi dos que resistiram ao Acôrdo. Pelo contrario assinou-o e não há duvida de que venderia a propria alma ao patrão ianque, se no documento alguma clausula o exigisse. Entretanto, a repulsa popular ao ato de abjeta traição chegou ao auge quando o documento foi submetido à ratificação do Parlamento. Alertada pelos comunistas e outras correntes patrióticas, a opinião publica se mobilizou contra o compromisso que importava em colonização de sua Patria, transformando em palavras vãs e sem valor o empenho dado pela maioria de Vedela na Camara e no Senado ao ratificar o Acôrdo. Durante as longas discussões para ratificação do compromisso, desenvolveu-se no Chile um potente movimento de massas. Mães de familia desfilaram diante do Parlamento exigindo sua anulação. Comícios de dezenas de milhares de pessoas em Santiago e outras cidades chilenas foram realizados.

A heroica classe operaria do Chile, encabeçada pelos gloriosos mineiros de salitre e de cobre, levantou-se em greves memoráveis em defesa da liberdade, da independencia da Patria e do sangue da juventude chilena. Parlamentares traidores foram espancados pelos patriotas indignados.

A DERROTA ELEITORAL

Esse movimento de massas ampliou consideravelmente a frente de luta contra o Acôrdo, unindo lado a lado os comunistas, os socialistas e o principal candidato da oposição à presidencia da Republica, general Carlos Ibañez. No Senado, o general Ibañez não só votou contra o Acôrdo como transformou a promessa de denunciá-lo, caso fosse eleito, num dos fundamentos de sua campanha. Ibañez tomara posse depois de amanhã. O

povo chileno aguarda o cumprimento da promessa.

Para os imperialistas americanos foi um golpe. E é significativo que à frente da delegação ianque à solenidade de posse de Ibañez, Wall Street haja posto o presidente do «Export & Import Bank», precisamente o instrumento favorito de qua se vale Washington para fazer chantagem com os países da America Latina.

A OPOSIÇÃO PATRIÓTICA NO URUGUAI

No Uruguai, o Poder Executivo não é exercido por um presidente, mas por um Colegiado composto de nove membros. Destes, somente seis assinaram o Acôrdo. Os tres restantes se recusaram a fazê-lo. Enviado para ratificação no Parlamento, há 8 meses que o infame documento se encontra engavetado no Senado. Três partidos políticos — O Comunista, o Nacional Herrenista e o Socialista — que dispõem de um terço em cada casa do Congresso se opõem ao instrumento de colonização imposto pelos americanos. Fora do governo, um amplo movimento de opinião contra o Acôrdo se desenvolve, compreendendo as mais influentes organizações sindicais, a Federação Univesitaria do Uruguai e outras organizações populares. Debates publicos se travam na imprensa, nos sindicatos e em outras organizações e à medida que as massas são esclarecidas sobre os objetivos do Acôrdo cresce o movimento pela sua rejeição.

ASSINADO NO BRASIL

Tambem os «quislings» que se encontram à frente do governo do Brasil assinaram esse compromisso que legalizaria o envio de tropas brasileiras para a Coreia, a entrega do ferro, do petroleo, do manganês e de todas as riquezas minerais brasileiras aos americanos, que fariam nossa Patria retroceder aos negros tempos de colonia, sob a chibata do opressor estrangeiro.

Durante alguns meses a farsa das «negociações» se desenrolou para iludir o patriotismo de pessoas menos

(Conclui na pág. 109)

